

DESCENDÊNCIAS

M A G A Z I N E





Descubra o nosso plano de atividades 2021
<http://bit.ly/PA-AILD>

p/ 08.

Associado do mês
Paulo David Dias Pereira

p/ 12.

Grande Entrevista
Rita Baptista Marques, Secretária de Estado do Turismo

p/ 24.

Migrações - A nova Primavera. Por Gilda Pereira
Uma análise ao fluxo migratório do 1º trimestre de 2021

N E S T A E D I Ç Ã O

p/ 34.

Ambiente. Por Vítor Afonso
Microflorestas urbanas - no combate às alterações climáticas

p/ 60.

Sabores lusos em estado sólido
Por detrás de um Menu. Chef Tiago Sabarigo

p/ 67.

Direito Fiscal. Por Rogério Fernandes Ferreira & Associados
O Regime dos Residentes não habituais

Obra de capa

Título: KUSOKANA – O acasalamento

Dimensões: 35 x 27

Técnica: Acrílico caneta s/papel

Descrição da obra:

Kanjinvi e Lueji vivem, ainda que o não saibam, os melhores momentos das suas vidas.

Tudo é belo, tudo é encantamento!

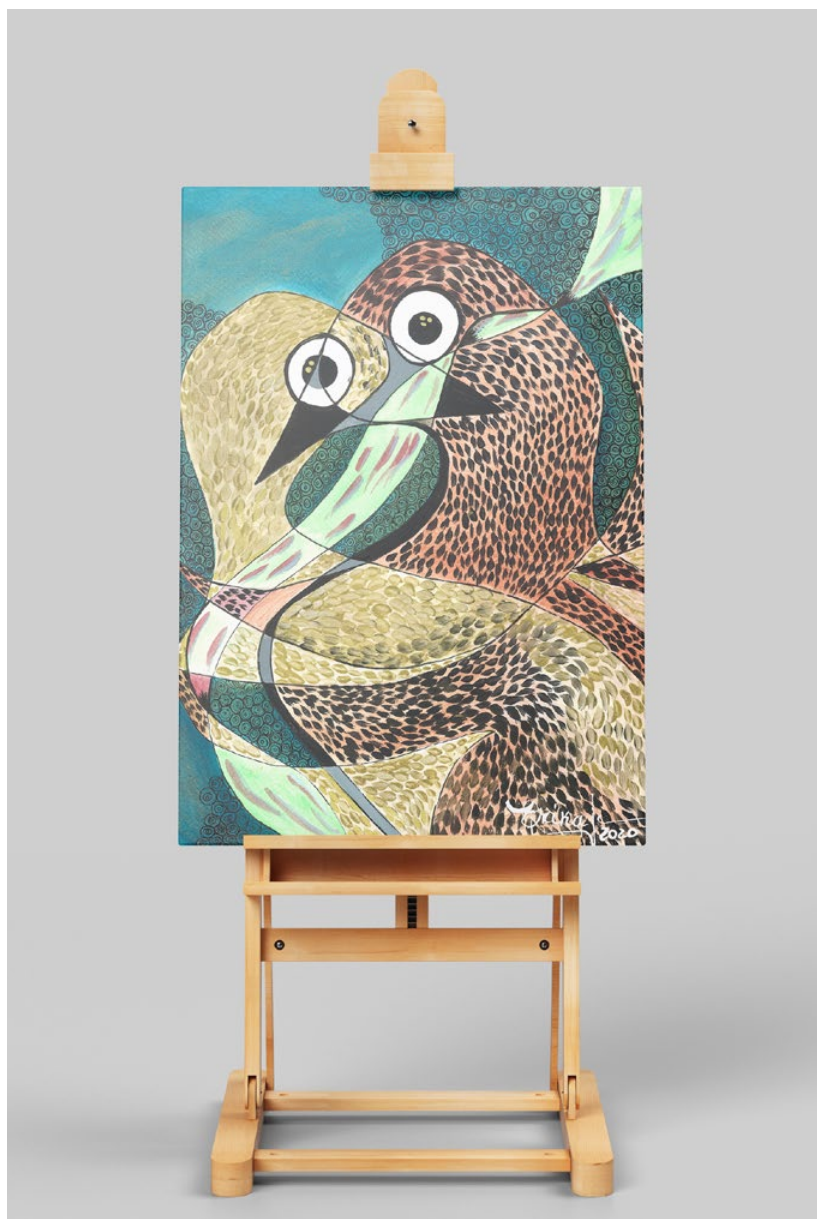
Um poderoso e inexorável feitiço apoderou-se de ambos.

Os desígnios da Mãe Natureza apossaram-se deles. Estão ligados, profundamente ligados, são como um único corpo e espírito. Naturalmente, e sem que ninguém os tivesse instruído, mas conduzidos por uma força ilimitada no seu poder, realizam os rituais do acasalamento. O momento da sua ligação – Kusokana – que em kimbundo uma das línguas nacionais de Angola significa (acasalamento), aconteceu.

Momento supremo de entrega e de comunhão!

Erika Jâmece

obrasdecapa@descendencias.pt



F T

Diretora Fátima Magalhães | **Diretora Adjunta** Gilda Pereira | **Editores** António Manuel Monteiro, Alfredo Stoffel, Branca Célia Dias, Cristina Passas, Flávio Alves Martins, João Costa, Gilda Pereira, Hugo Gonçalves Silva, José Governo, José Martinho, Mafalda Lourenço, Marco Neves, Maria do Carmo Mendes, Marta Costa, Melissa da Silva, Paula Cristina Veiga, Pedro Guerreiro, Philippe Fernandes, Rogério M. Fernandes Ferreira, Sonia Coelho, Tiago Sabarigo, Tiago Robalo, Vitor Afonso | **Revisão** JG Consulting | **Design Gráfico** Amostra de Letras | **Estatuto editorial** <https://descendencias.pt/estatuto-editorial/> | **Editor e Proprietário** Amostra de Letras Lda, NIF 515975591 | **Administração** Fátima Magalhães - 100% capital | **Periodicidade** Mensal | **Contactos** E: info@descendencias.pt W: <https://descendencias.pt> T: 309 921 350 | **Publicidade** E: publicidade@descendencias.pt | **Anúncios** A Amostra de Letras Lda, não é responsável pelo conteúdo dos

anúncios nem pela exatidão das características e propriedades dos produtos e/ ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias | **Direitos** Em virtude do disposto no artigo 68º n.º2, i) e j), artigo 75º n.º2, m) do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos artigos 10º e 10º Bis da Conv. de Berna, são expressamente proibidas a reprodução, a distribuição, a comunicação pública ou colocação à disposição, da totalidade ou parte dos conteúdos desta publicação, com fins comerciais diretos ou indiretos, em qualquer suporte e por qualquer meio técnico, sem a autorização da Amostra de Letras Lda | **Sede Editor/Redação** Rua dos Almocreves, 44 4455-029 Lavra - Matosinhos | **Registo** ERC 127522 | **Edição** 05 maio 2021, GRATUITA

Editorial

Caros Leitores

Neste mês de maio, mês do trabalhador, gostaríamos de deixar uma palavra de apreço a quem se esforça todos os dias para realizar o seu trabalho da melhor forma possível, vestindo a camisola e desempenhando as suas funções muitas vezes para além do esperado.

Particularmente, desejávamos salientar o trabalho desenvolvido, pelos profissionais de saúde, professores e todos os profissionais que não permitiram que nada nos faltasse, no que tange a bens e serviços essenciais, em tempos de pandemia.

Aproveitamos também para dar uma palavra de encorajamento a todos aqueles que, por força das circunstâncias atuais, perderam o seu trabalho. Nunca deverão perder a esperança, acreditem que depois da tempestade vem a bonança!

Sendo a Descendências Magazine um espaço dedicado à lusofonia, não poderíamos deixar de passar este momento sem demonstrar a nossa solidariedade para com os nossos países irmãos, Angola e Moçambique que, por diversos motivos, passaram por situações dramáticas no passado mês de abril: a crise humanitária em Cabo Delgado e as cheias na cidade de Luanda. Solidarie-

dade é um ato de bondade e compreensão com o próximo ou um sentimento, uma união de simpatias, interesses ou propósitos entre os membros de um grupo: cooperação mútua entre duas ou mais pessoas; identidade entre seres; interdependência de sentimentos, de ideias, de doutrinas.

Recordando ainda que a 25 de maio é comemorado o Dia de África, porque foi nesse mesmo dia que em 1963, surgiu a Organização de Unidade Africana (OUA), na Etiópia, com o objetivo de defender e emancipar o continente africano.

Por fim, felicitamos todas as mães! Se o papel de mãe já vinha sendo enaltecido na sociedade do século XXI, a pandemia veio provar-nos que as mães podem mesmo ser super-heroínas, ao conseguirem se desdobrar para teletrabalho, apoio aos estudos, videoconferências, jogos e ideias criativas para entreter as crianças em casa... Tudo isto, com um sorriso e uma atitude confiante para que os filhos se pudessem sentir tranquilos, enquanto elas tentavam absorver ao máximo o impacto e as consequências socioeconómicas impostas pelo confinamento e pela Covid-19.

Esperamos que gostem e disfrutem desta edição, feita com carinho, para vocês!



Gilda Pereira
Diretora Adjunta

A I L D

Wellnessbinar

A AILD - Associação Internacional dos Lusodescendentes, em parceria com a Entidade Regional do Turismo do Porto e Norte de Portugal - ERTPNP e a Associação das Termas de Portugal - ATP, no passado dia 31 de março, levaram a cabo uma ação de charme focalizada nas Comunidades Portuguesas espalhadas pelo Mundo - Wellnessbinar: Um inspirador (re)encontro das Comunidades Portuguesas com os Saberes e Sabores do Porto e Norte de Portugal.

Esta ação, pretendeu não só promover além fronteiras as Termas do Porto e Norte de Portugal, mas também, levar uma mensagem às Comunidades Portuguesas da renovada oferta termal, a modernidade dos seus espaços e a elevada qualidade de serviços que as Termas têm para oferecer ao nível do melhor da Europa. Visou ainda lançar o desafio às Comunidades Portuguesas, enquanto verdadeiros Embaixadores de Portugal no mundo, serem portadores do seu testemunho junto dos estrangeiros do seu País de acolhimento, mas também, serem mercedamente, beneficiários



destes espaços fantásticos de saúde, bem-estar, lazer, charme, relaxamento, natureza e carinho. Este wellnessbinar, esteve recheado de diversas personalidades que deram um fantástico contributo a esta ação, que contou com a jornalista Rosário Lira para moderar a sessão. José Governo (AILD), Luís Pedro Martins (TPNP) e Victor Leal (ATP), e Berta Nunes (Secretária de Estado das Comunidades Portuguesas), deram voz à sessão de abertura. Destaque ainda para a participação de quatro representantes das Comunidades Portuguesas: Luís Chaves (Suíça), Carlos Pereira (França), Tiago Pinto Pais (Alemanha) e Raúl Reis (Luxemburgo), que partilharam a realidade do seus respetivos países de acolhimento, um importante contributo para o desenho de propostas ajustadas. O Wellnessbinar, encerrou com chave de ouro,

protagonizada com um brinde às Termas do Porto e Norte de Portugal com Água Mineral Natural, momento que teve como objetivo a comemoração dos 150 anos da água Pedras Salgadas.

Foi com enorme entusiasmo que a AILD aceitou este desafio de integrar uma parceria tripartida com o TPNP e a ATP, para promover Portugal, promover as Termas do Porto e Norte de Portugal, mas também um conjunto de produtos compósitos e diferenciadores deste território do Porto e Norte de Portugal.

Esta parceria veio uma vez mais provar a importância da reunião de meios, recursos, esforços e sinergias em prol de objetivos comuns, nomeadamente, a promoção de Portugal lá fora e o envolvimento das Comunidades Portuguesas.

Esta ação não foi uma iniciativa isolada, bem pelo contrário, foi o início de um projeto estratégico de promoção das Termas do Porto e Norte de Portugal, de e para as Comunidades Portuguesas, estando em curso a preparação de um conjunto de ações concertadas e articuladas.

A AILD – Associação Internacional dos Lusodescendentes é a associação mais antiga criada em Portugal por lusodescendentes. Na sua origem estiveram seis fundadores, que quiseram centrar em Portugal a atenção dos lusodescendentes espalhados pelos quatro cantos do mundo.

Felizmente, a estes seis fundadores, juntaram-se muitos mais, ligados a uma maior variedade de países. Notamos uma vigorosa vitalidade na Associação e uma renovação constante. Os membros que dinamizam a vida associativa têm conseguido passar o seu testemunho a novos membros, permitindo uma renovação constante, e mesmo com a saída natural de alguns membros, o número de associados não tem parado de crescer.

A vida associativa é um ato de generosidade tremenda aos outros. É uma atividade voluntária em que o associado oferece o seu tempo aos outros. Como sabemos, nos dias atuais em que se vive com muita intensidade, a maioria não tem tempo que chegue para si e para os seus, quanto mais para os outros. Enquanto, presidente da AILD, não posso deixar de me maravilhar pela dedicação de cada um dos nossos associados, que têm feito um trabalho notável, sendo a Revista Descendências uma das suas manifestações mais belas.

Não posso também deixar de destacar, o trabalho notável que o nosso departamento de protocolos tem conseguido fazer, mesmo não dispondo ainda de meios materiais e humanos para tal. Graças a

| A I L D

Lugar para mais um

ele, foi possível adjudicar uma ação de formação financiada por dois anos, que vai permitir enriquecer os nossos associados com o acesso a uma vasta série de áreas formativas, conseguido graças à nossa diretora Cristina Passas.

Outro protocolo que nos está a criar grandes expectativas, é o que está a ser desenvolvido na área do turismo. Neste âmbito, no passado dia 31 de março, fizemos com o Turismo do Porto e Norte de Portugal e com a Associação das Termas de Portugal um webinar que constitui uma espécie de primeira pedra deste protocolo. Este evento contou com a presença do presidente da Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal,

Luís Pedro Martins, do presidente da Associação das Termas de Portugal, Victor Leal, do diretor da AILD, José Governo, e da secretária de Estado das Comunidades Portuguesas, Berta Nunes. Houve também outros ilustres participantes, como por exemplo o muito acarinhado artista nacional, Emmanuel. Convido a todos os que ainda não puderam assistir a este webinar a fazê-lo, agora em tranquilidade, e quem sabe durante a estadia numa das nossas fabulosas termas.

Como diria Zeca Afonso, “venham mais cinco...”, na AILD há sempre lugar para mais um membro, venha conhecer-nos, junte-se a nós, faça-se associado.



Philippe Fernandes
Presidente da AILD

| A I L D

Paulo David Dias Pereira

Idade: 65

País de nascimento:

Portugal

País/Cidade onde

reside: Angola,

Luanda



Emigrou para Angola com 5 anos de idade com a mãe (viúva) e um irmão de 4 anos. Estava a estudar engenharia civil na faculdade de engenharia da universidade de Luanda quando se deu o 25 de Abril. Optou por nunca voltar a Portugal e em Luanda construiu a sua vida familiar e profissional. Hoje é sócio fundador da EMME, Lda, empresa de montagem e manutenção de elevadores e representante da marca de elevadores Finlandesa Konne em Angola.



O que o manteve em Angola após a independência?

A história começa quando no auge da chamada ponte aérea visitei Portugal e, não me consegui entender e entrosar com o ambiente que então se vivia. De norte a sul tudo me era invulgar e estranhamente provisório. O assentamento mais que provisório das famílias e o futuro demasiado incerto, os aglomerados de pessoas e bens nos portos e aeroportos e, também uma certa animosidade para com os que chegavam impelidos pelas situações de guerra criadas pelos que nunca tinham saído, mas tinham criado tal situação. Assim, tudo visto e ponderado, decidi que ficaria onde havia já muitos anos assentado arraiais, uma vez que a primeira vez que fui à escola já tinha sido em Luanda. Em vez de um salto no escuro, preferi o conforto do meu lar.

Desafios e projetos para 2021?

Como todos os profissionais da minha área, tentar voltar a um volume de faturação pré-pandemia.

Considera importante a existência de políticas e ações para uma maior aproximação de Portugal às comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo? O que poderia ser feito nesse sentido?

Que a embaixada de Angola apoiasse os portugueses que lá vivem, nunca estão presentes nem nos apoiam quando é preciso. Existem imensos entraves sempre que se precisa de alguma coisa da embaixada e/ou do consulado. Que a classe política estivesse mais atenta aos portugueses que vivem fora de Portugal, neste caso em concreto em Angola.

O que mais gosta em Portugal?

A gastronomia.

O que menos gosta?

Da classe política, dos seus vícios e sobrançeria.



<http://www.emme-elevadores.com/>

Porque se tornou associado da AILD?

Porque acredito que juntos podemos fazer a diferença e convencer os políticos que também contribuimos para a economia em Portugal e, por isso, merecemos uma voz.

Inevitável no momento que estamos a atravessar perguntar-lhe como está a “sobreviver” a esta pandemia? Que impacto está a ter na sua vida?

Com muita serenidade e alguma cautela e apreensão. Penso que com calma tudo voltará ao seu lugar e temos que estar preparados para adaptações ao nosso estilo de vida.

Qual é o seu sonho para 2021?

Poder voltar a viajar livremente!

Uma mensagem para as Comunidades Portuguesas?

Acreditem sempre nos seus sonhos e sigam-nos, mesmo que isso implique deixar Portugal porque infelizmente é um país que corta muito os sonhos e as asas a quem quer crescer e sobressair na sociedade.



Qubo Engenharia
Construímos
o seu sonho
consigo!

Sabe o que é uma casa passiva?

É uma casa que gasta muito pouca energia e recicla a que produz. Graças ao desempenho do seu isolamento térmico, à sua ventilação, às contribuições da energia solar, mantém uma temperatura ambiente suave ao longo do ano.

O que podemos fazer por si

Projeto
Construção
Reabilitação,
Remodelação
Reparação

(+351) 964 827 699
geral@qubo.pt

QUBO.PT





GRANDE ENTREVISTA SECRETÁRIA DE ESTADO DO TURISMO RITA BAPTISTA MARQUES

Rita Baptista Marques nasceu no Porto, em 1975. Licenciada (1998) e Mestre (2000) em Engenharia Eletrotécnica e de Computadores pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, possui um MBA (2007) pela Universidade de Southern California, além de diversos programas de alta direção para executivos em Liderança pelos Instituto de Empresa (2018), London Business School (2017), e pela Universidade do Texas em Austin (2016).

Foi Presidente da Portugal Capital Ventures - Sociedade de Capital de Risco, S.A..

Foi Diretora Executiva da Porto Business School para área de MBA e Pós-Graduações (2016-2018), coordenadora da Unidade de Projetos da Universidade do Porto (2008-2016), e Gestora do Mercado Ásia-Pacífico e dos setores de Tecnologias e de Turismo na Agência Portuguesa para o Investimento (2003-2006). Consultora sénior na Microsoft Corporation (2006-2007), nos EUA, e especialista na ANACOM (2001-2003).

Presidente do Conselho Fiscal da Fundação da Juventude (de 2017 a 2019).



Muito agradecidos por nos conceder a honra desta entrevista.

O turismo é um dos setores claramente mais afetados pela crise gerada pela pandemia da Covid-19. Até ao início de 2020 o setor era um dos motores da economia nacional, contribuindo fortemente para Portugal ter estado próximo de uma situação de pleno emprego e para a aceleração das exportações. Contudo, as receitas do turismo caíram muito em 2020 e o cenário para 2021, também, não é para já animador, com reflexos também no emprego. Ser Secretária de Estado da pasta do turismo, em época de pandemia, tendo em conta o cenário extremamente positivo até 2020 e a atual degradação do setor, é uma frustração ou pelo contrário é um desafio?

Aceitei este cargo desde logo atraída por um desafio, que era o de garantir que o setor continuasse a crescer, mas com mais valor, contribuindo cada vez mais para a coesão social e territorial do país. Ao final de 4 meses de mandato a pan-

demia instalou-se e, de imediato, o nosso foco orientou-se para a salvaguarda da capacidade instalada das nossas empresas e dos seus ativos humanos. Temos vindo a dar as repostas possíveis e mais ajustadas ao evoluir da situação, mas sempre atentos ao futuro. É um grande desafio, e acredito que estamos perante um evento de caráter disruptivo, que também representa uma oportunidade para qualificar-mos e valorizarmos a nossa oferta.

No setor do turismo qual é o cenário à data de hoje? Que medidas concretas o governo está a tomar para minimizar o efeitos trágicos da pandemia neste setor? Qual é o impacto neste momento em termos de desemprego?

Em 2020, devido às restrições à mobilidade e diversos períodos de confinamento, os estabelecimentos turísticos registaram apenas 10,5 milhões de hóspedes e 26,0 milhões de dormidas, que se traduziu num decréscimo da atividade superior a 60%. É um impacto avassalador.



Atentos aos desenvolvimentos, temos vindo a operacionalizar um conjunto de medidas de apoio ao emprego e à tesouraria das empresas que atuam em setores particularmente afetados pelas medidas de confinamento, assegurando e preservando a sua liquidez e a continuidade da sua atividade económica. O Governo continuará a reforçar e a ajustar as medidas, especialmente as vocacionadas para o setor do turismo e outros setores particularmente afetados. Apesar do esforço, em 2020, as atividades ligadas ao Alojamento e à Restauração e Similares empregaram menos 29 mil indivíduos do que no ano de 2019, representando uma quebra de cerca de 9%. A quebra verificada para o total da economia foi menos acentuada, 2%.

Mas já pensamos no amanhã, e, por isso, temos ajustado medidas e canalizado um volume significativo de recursos para consultoria empresarial e capacitação do setor, aproveitando o momento para nos prepararmos para o futuro, na esfera digital e ao nível da sustentabilidade. Também não temos descurado a comunicação junto dos mercados,

já que é preciso manter o destino na mente dos turistas e transmitir confiança no nosso país. A marca Portugal foi, aliás, considerada a melhor da Europa, e a terceira melhor do mundo em 2020.

Há boas expectativas quanto à evolução da procura turística em Portugal pelo que todos aqueles que perderam o emprego poderão ter condições para regressar em breve.

Com esta situação da pandemia, como fica o turismo em Portugal? Que impacto vai ter este ano? O que pensam as regiões de turismo e os operadores de turismo sobre o presente e o futuro?

Estamos num momento de grande expectativa e esperança, atentos ao evoluir do processo de desconfinamento e ao avanço do plano de vacinação. Várias atividades já abriram, e contamos com melhorias significativas no último semestre deste ano. Preparámos um plano ambicioso para potenciar a retoma da atividade do setor o mais rapidamente



te possível, promovendo a internacionalização do destino Portugal. A retoma do turismo ocorrerá também com a retoma do turismo internacional, pelo que a conectividade aérea e mobilidade internacional é um fator determinante, pelo que o recente anunciado passe digital europeu é muito importante. Temos boas expectativas de que havendo possibilidade de viajar, os turistas escolherão Portugal. Ainda recentemente a *European Best Destinations* escolheu quatro regiões portuguesas para o seu *top* de férias, destacando a segurança, as maravilhas naturais e as expectativas para o ano, realçando o Algarve, o Alentejo, a Madeira e os Açores. À medida que o plano de vacinação avança em Portugal e na Europa, ficam reforçadas as condições para voltarmos a viajar em segurança. Todos acreditamos que teremos um verão um pouco melhor que o de 2020.

Vínhamos a assistir a um intenso debate relativo à sustentabilidade da atividade turística no país, questionando-se se Portugal estaria preparado para continuar a receber números tão elevados de turistas. Com a pandemia e a nova realidade da falta de turistas em 2020 e com perspetivas idênticas para o ano de 2021, pelo menos para este primeiro semestre, este debate e a vontade da Senhora Secretária de Estado de “Querer posicionar Portugal como destino sustentável, solidário e digital”, é uma preocupação para o setor que fica adiada?

Não é de todo uma preocupação adiada e estamos a trabalhar nela, precisamente para preparar o futuro. Como exemplo, posso referir que lançamos um grande programa de formação – o *Upgrade* –, que tem uma vertente digital e uma vertente de sustentabilidade. Já lançamos mais de 150 ações, nas quais tivemos mais de 12000 participantes. Lançamos o Plano Turismo + Sustentável em outubro de 2020, que esteve em consulta pública até 26 de outubro. Recebemos perto de 110 contributos, o que mostra bem o interesse do setor nesta temática. Algumas das medidas previstas no Plano Turismo + Sustentável estão já no terreno, e estamos a incorporar mais contributos recebidos dos *stakeholders*.

Quais as perspetivas para os meses de verão para o setor da restauração, bebidas e alojamento turístico em Portugal, face à pandemia? Há números de operadores a avançar para insolvência por não conseguirem suportar as despesas, face à quebra de receitas?

No período de março de 2020 a fevereiro de 2021, o número de insolvências de empresas no setor de alojamento e restauração aumentou 62,8% face ao mesmo período no ano anterior. Estamos a fazer um esforço enorme para operacionalizar vários instrumentos de apoio às empresas. Estes instrumentos têm vindo a ser reforçados e melhorados, ajustando-se à evolução da crise. Temos que estar em alerta sobre o posicionamento no setor e saber reagir perante situações de insuficiência de capitais próprios ou de insolvência eminente. Daí a importância que advogamos à capitalização das empresas, garantindo uma maior solidez e equilíbrio das respetivas estruturas financeiras. Estou confiante que salvaremos muitas empresas, em especial todas aquelas que estavam numa situação estável antes da pandemia.

Esta situação da pandemia e o impacto negativo que está a ter no setor do turismo em particular e na economia portuguesa em geral, não terá vindo mostrar e demonstrar que demasiada dependência de um modelo de negócio pode ser perigosa para a economia do país?

Portugal tem vantagens competitivas no turismo, e deve tirar partido das mesmas para promover o crescimento económico do país. Ignorar essas vantagens seria, isso sim, perigoso. O setor foi fundamental para o crescimento da economia e para a criação de emprego nos últimos anos. Acredito que tal voltará a acontecer.

O Turismo em Portugal é uma atividade determinante para o desenvolvimento económico e social do país. Temos ainda assim de construir um turismo mais sustentável, com mais valor, com mais formação, mais inovador, mas sempre autêntico.

Nesta perspetiva, não considera que o turismo deveria atuar numa plataforma interministerial, transversal às diversas áreas e setores da economia portuguesa, reduzindo a dependência do setor ou reajustando-a a outros setores?

Essa ligação já existe na prática, quer através da Secretaria de Estado do Turismo, quer através das iniciativas em que o Turismo de Portugal e as Entidades Regionais de Turismo estão envolvidas. Esta colaboração traduz-se, por exemplo, na nossa participação em diversos grupos de trabalho interministeriais, assim como no lançamento de diversas



iniciativas conjuntas. Temos já bons resultados dessas parcerias, em particular nos seguintes produtos turísticos: Turismo Desportivo, o Turismo Literário, o Turismo Industrial, o Ecoturismo e o Enoturismo e muitos outros.

Até à pandemia estávamos a conseguir caminhar para um crescimento do setor em todo o território e ao longo de todo o ano, deixando para trás um turismo sazonal, apenas de “sol e praia”, com efeitos muito positivos em termos de desenvolvimento dos territórios do interior e de baixa densidade, e como motor para a coesão territorial. Neste atual quadro, como está a reagir o Turismo de Portugal, as Entidades Regionais de Turismo e os próprios municípios beneficiários?

Continuamos centrados na ET2027, na qual a coesão territorial e a redução da sazonalidade são objetivos muito claros. A pandemia veio gerar, até certo ponto, tendências que podem ajudar nesse caminho, já que a procura pós-pandemia será mais orientada para territórios e períodos de menor intensidade turística, e para produtos mais autên-

ticos. As Entidades Regionais têm estado a trabalhar continuamente para adaptar os seus produtos à nova procura, sempre em articulação com o Turismo de Portugal e com os municípios relevantes em cada caso. Há uma estratégia global do país que dá coerência a todas as ações, mas essa estratégia também acomoda as especificidades de cada região. No turismo, desde cedo trabalhamos a dinâmica dos territórios. Se há setor que tem contribuído para a distribuição de riqueza e emprego nos territórios, é o setor do turismo.

A diversificação da oferta que tem vindo a verificar-se um pouco por todo o território poderá ter uma ligação direta à atratividade do turismo em Portugal e à captação de novos mercados?

Naturalmente que sim, e Portugal tem ativos que suportam uma oferta diversificada, e temos vindo a estruturar mais produtos nesse sentido. Julgo que temos de promover cada vez mais as redes entre os agentes e criar rotas, circuitos, que permitam ao turista ficar mais tempo no território e vi-



ver mais experiências, não descurando a comunicação, ou seja, é preciso dar a conhecer ao mercado aquilo que temos para oferecer.

Num contexto de tanta incerteza, uma certeza existe, que é a de que temos um país fantástico para descobrir, e os mercados reconhecem isso mesmo. Não é por acaso que vínhamos registando taxas de crescimento muito significativas de turistas oriundos de novos mercados, como o Brasil, EUA e China, por exemplo.

Falar de turismo em Portugal é inevitável falar de gastronomia e enoturismo. Neste importante desafio de mostrar o país ao mundo e promover o país no mundo, que papel é atribuído à gastronomia e ao enoturismo? Que outros produtos e ofertas podem ser “vendáveis”?

Felizmente temos muito a oferecer! A oferta de enoturismo está presente em todo o território nacional, sendo uma marca da identidade do destino que importa preservar, destacar e valorizar. Acreditando nesse potencial, te-

mos inclusive um programa de ação para o Enoturismo, no âmbito do qual este ano organizaremos a 5.^a Conferência Mundial de Enoturismo da Organização Mundial do Turismo. Portugal tem um grande potencial nos seus produtos endógenos: a videira, vindima e Vinho; a oliveira, azeitona e azeite; as amendoeiras em flor; a cultura de chá nos Açores; a Fruticultura e colheitas; o medronho, Ginja e bebidas espirituosas; a Pastorícia e produção de leite...

Temos vindo a trabalhar vários produtos nos quais temos muito potencial, como o ecoturismo, o turismo industrial, o turismo natureza, o turismo náutico, o turismo cultural, ou o turismo de saúde, médico e de bem-estar. Continuamos a acarinhar alguns produtos tradicionais, como o turismo religioso, o sol e mar ou o Golfe, como exemplos.

Ao falarmos de turismo, implica como se entra em Portugal e portanto, esta pergunta é inevitável. Qual a sua posição relativamente à construção do novo aeroporto? A pandemia e a atual falta de turistas no país é motivo de revisão do projeto do aeroporto em termos de prioridade e viabilidade?



A retoma do turismo em força ocorrerá com a retoma do turismo internacional, pelo que a conectividade aérea é um fator determinante. Temos o programa VIP.PT, especialmente dedicado a melhorar a viabilidade das rotas aéreas, e estamos a trabalhar junto de diversas companhias aéreas, envolvendo todos os aeroportos do país. Realço que, Portugal deve oferecer ligações aéreas competitivas e de qualidade em todo o seu território, não só como apoio ao turismo, mas também para fortalecimento da competitividade do país em todas as suas dimensões, da cultural à industrial, da educação à ciência...

Considera que o turismo interno, é uma das apostas e soluções para minorar os impactos negativos da pandemia neste setor do turismo? Existe alguma estratégia de comunicação e promoção neste sentido? Acha que é possível os operadores ajustarem as tabelas de preços ao mercado interno, baixando as margens de lucro, mas mantendo alguma receita para manter a sustentabilidade dos operadores?

Como verificamos este ano, a quebra do turismo interno foi muito menor do que o internacional, registando até ganhos em determinadas regiões ao longo do ano. Acarinharemos sempre o turismo interno. O mercado irá encontrar o seu

equilíbrio ao nível dos preços, atendendo também às especificidades da oferta e à evolução da procura.

Em termos de campanhas, temos várias estratégias montadas, para diferentes cenários, e que avançaremos consoante o evoluir da situação pandémica. Neste momento, é tudo muito volátil. Estamos atentos às tendências e aos sinais a cada momento.

Ao nível das operadoras turísticas portuguesas, considera que estamos a conseguir prestar um serviço de excelência a quem nos visita, deixando uma boa impressão e a vontade de voltar?

Tudo nos mostra que sim. Em 2020, Portugal foi considerado o melhor Destino da Europa. Em 2019, Portugal foi eleito, pela terceira vez consecutiva, o Melhor Destino Turístico do Mundo (*World's Leading Destination*) na edição dos *World Travel Awards*. Como já referi, Portugal foi considerada a melhor marca turística da Europa e a terceira melhor marca turística do mundo. Estes resultados são um reconhecimento do serviço que prestamos, embora reconheça que há muitas oportunidades para melhorarmos. A experiência turística é o resultado da interação entre os turistas, as comunidades locais e os meios recetores, pelo que



em todas estas dimensões podemos e devemos melhorar. A este propósito chamo particular atenção para a importância da formação dos futuros profissionais do turismo assim como daqueles que já estão no setor e que necessitam de refrescar as suas competências.

Como sabe a “Descendências Magazine”, tem o seu foco muito direcionado para as Comunidades Portuguesas espalhadas pelo mundo, uma franja da população portuguesa (cerca de 5 milhões), que ao longo da nossa história tem dado um importante contributo ao país, seja através das remessas, seja através do investimento local, seja através das exportações e internacionalização das empresas. Que contributo importante, nesta fase, as comunidades portuguesas podem dar a Portugal, especialmente quando nos referimos ao setor do turismo?

As comunidades portuguesas enchem-nos de orgulho. São potenciais turistas que não só têm motivações mais fortes

para nos visitar, como seja o fator saudade, rever a família e amigos, como também terão melhor capacidade para apreciar a nossa oferta. Devo acrescentar que nos últimos anos têm sido identificadas alterações neste segmento de turistas tradicionais, que, agora, não ficam restringidos aos seus locais de origem e efetivamente viajam em férias pelo país, manifestando grande capacidade de compra, gosto por viajar e pelo lazer. Trata-se de um público muito exigente e importante, não só como turistas *stricto sensu*, mas também como estudantes, investigadores e como investidores. Aqui realçamos o interesse que muitos possam ter em regressar e trabalhar ou investir na área do turismo.

Este ano já decorreram duas reuniões do Comité de Crise para o Turismo Global (*Global Tourism Crisis Committee*). A 1 de março decorreu uma reunião de Ministros da EU, coordenada por Portugal e no âmbito da PPUE. O que trouxe de novo e produtivo destas reuniões em termos de soluções conjuntas para o setor? Que assuntos foram debatidos?



Nestas reuniões foram desde logo sinalizadas várias medidas muito importantes, como os passes demonstrativos de vacinação ou imunidade e/ou testes negativos, o uso generalizado de testes rápidos à COVID-19 e a abertura de fronteiras. Uma das sugestões apresentadas nestas reuniões foi a criação de ferramentas digitais de informação de saúde, com indicação de vacinação, teste negativo ou recuperação recente da infeção COVID-19. A Comissão apoiou esta solução e o *Digital Green Pass* está já a ser operacionalizado. Deste lado, estamos já a trabalhar para podermos estar prontos o mais rapidamente possível.

No âmbito da UE, discutimos a necessidade de uma ação conjunta para a recuperação e resiliência no setor do Turismo, atendendo a que a Europa tem a visão, o programa e

os recursos financeiros necessários para o efeito. Conforme já tenho dado nota, considero que só trabalhando em conjunto e através de políticas e práticas de desenvolvimento mais responsáveis e sustentáveis, se conseguirá chegar a um turismo global mais forte, resiliente e ágil, capaz de enfrentar futuras crises. Também tenho chamado a atenção para a formação dos futuros profissionais do turismo assim como daqueles que já estão no setor e que necessitam de ganhar novas competências nomeadamente na área do digital.

O futuro do Turismo tem sido também um dos temas abordados nestas reuniões, tendo os Estados Membros sinalizado o seu compromisso em definir de forma concertada uma Agenda 2030/2050 para o setor.



Tendo presente a atual conjuntura, enquanto Secretária de Estado do Turismo, que mensagem gostaria de deixar por um lado aos operadores turísticos e por outro aos potenciais turistas (sejam do mercado interno ou externo)?

Vamos precisar de todos os atores da cadeia de valor do turismo para a retoma do setor. Portugal convoca todos os destinos turísticos, operadores e toda a cadeia de valor para um turismo mais responsável, com propósito, que respeite o planeta, que crie valor e satisfação em quem visita e em quem recebe. Portugal quer liderar nesta caminhada, incorporando nas experiências que se proporcionam aos turistas a preocupação com o planeta e com a responsabilidade social. Assim

que a pandemia o permitir, muito em breve, visitem Portugal. Estaremos de braços abertos para receber todos os que partilham connosco esta forma autêntica e responsável de sentir e viver. Todos nós podemos contribuir para construir um mundo melhor, e um turismo mais responsável e mais sustentável. “Mais do que um desafio, este é o caminho”.

A Descendências Magazine agradece-lhe novamente a honra desta entrevista.

Um gosto ter contribuído para a Descendências, uma revista que nos cativa e que tanto tem contribuído para enaltecer a comunidade lusófona!



| M I G R A Ç Õ E S

A nova Primavera

Uma análise ao fluxo migratório do 1º trimestre de 2021

O ano de 2021 começou carregado de esperança e com desenvolvimentos vários à escala global. No mundo todo temos assistido a acontecimentos que prometem a perpetuação de muitas mudanças em diferentes áreas, que sugerem não apenas um regresso à normalidade que sempre conhecemos, mas para uma ainda melhor do que aquela que deixámos antes da pandemia. Do ponto de vista das migrações, estes acontecimentos do espectro político, social, económico e empresarial, ao contrário do que se verificou entre 2015 e 2019, têm feito surgir novos padrões que podem ser analisados de diferentes prismas

– desde o impacto na sociedade e economia de Portugal, até ao desvelar daquilo que precisamos melhorar rapidamente para mantermos a preferência dos cidadãos do mundo.

Na Ei! Assessoria Migratória, desde o início deste ano que temos verificado um crescente número de pedidos de visto de residência de pessoas oriundas de países que já há muito têm virado o seu interesse para se estabelecerem em Portugal, mas que nestes últimos 3 meses têm crescido em quantidade de uma forma surpreendente. Estados Unidos da América, Reino Unido, África do Sul, Singapura, Dubai, Índia e Israel, têm sido

os principais países que nos chegam, diariamente, com novos pedidos de visto de residência ou investimento. As motivações para cada um sair dos seus países de origem, variam de caso para caso, de nacionalidade para nacionalidade, mas as razões pelas quais optam pelo nosso país são, em quase todos os casos, as mesmas. Na esmagadora maioria, tratam-se de cidadãos que solicitam vistos D7 (rendimentos próprios e aposentados) e D2 (empreendedores ou trabalhadores independentes - Freelancers), que reconhecem em Portugal o local ideal para criarem novas raízes e viverem com toda a estabilida-

de que ambicionam para si e para as suas famílias. A segurança, a relação custo/qualidade de vida e o potencial de investimento sólido e rentável, o sistema nacional de saúde, são os principais motivadores para que desde norte-americanos, passando pelos britânicos, até a sul-africanos optarem por se mudarem de forma permanente para o nosso país. Ao contrário do que alguns possam pensar, a popularidade de Portugal continua a crescer a um ritmo inusitado.

Contudo, a capacidade de resposta dos nossos consulados deixa muito a desejar, não só pela falta de funcionários responsáveis por dar andamento às solicitações de vistos de residência, como já nas nossas fronteiras, as medidas de confinamento e restrições de circulação, estão a dificultar o avanço de centenas de processos migratórios. Começando mesmo em Portugal, um exemplo destes entraves passa pelo facto das unidades do nosso Serviço de Estrangeiros e Fronteiras estarem fechados por tempo indeterminado, encontrando-se neste momento em reestruturação, para dar lugar a um novo órgão SEA cujas competências ainda estão por definir. Muitos agendamentos foram cancelados desde meados de fevereiro deste ano, causando um atraso significativo na emissão de autorizações de residência de milhares de famílias, que não podem por exemplo, efetuar a sua inscrição nos centros da saúde ou que ficam privadas de viajar porque já têm os vistos caducados mas ainda aguar-

dam Sine die o seu agendamento para autorização de residência.

Já do ponto de vista dos consulados, os obstáculos são ainda maiores, principalmente no que tange à falta de uniformização de processos. Na Índia, em Israel e na África do Sul, os consulados e VFS (empresa contratada para auxiliar os consulados no que tange à receção de processos de vistos) revelam diferentes carências que prejudicam a celeridade dos processos que têm dado entrada nos últimos meses.

Face ao mesmo trimestre de 2020, a procura por Portugal cresceu tremendamente, revelando um grau de confiança ímpar no nosso sistema político e social, bem como uma preferência que vai muito além dos aspetos práticos da vida. No entanto, os entraves começam logo com a contradição de informações aquando do início dos processos migratórios junto dos Consulados ou VFS, a solicitação de documentos e requisitos que não constam na lei dos estrangeiros mas que os Consulados e VFS teimam em exigir de forma completamente arbitrária.

Considerando os dados aqui analisados, e estando na vanguarda por uma migração sustentável há mais de meia década, acreditamos ser indispensável deixar aqui um apelo às nossas autoridades, nomeadamente Ministério dos Negócios Estrangeiros e Ministério da Administração Interna, para que possamos preservar este favoritismo que milhares de cidadãos

estrangeiros têm por Portugal. Apesar de estarmos no TOP 10 de países com mais procura por emigrantes há vários anos, parece haver uma falta de noção desta realidade, por parte de quem nos governa, que permita um apropriado adequar dos procedimentos. Andamos a correr atrás do prejuízo em vez de instalarmos mecanismos que permitam, simultaneamente, agilizar os processos, cumprir a lei, facilitar o trabalho dos funcionários consulares e do Ex-SEF e tornar mais eficiente as comunicações entre os requerentes e as entidades competentes. Acreditamos que uma boa aposta seria a uniformização dos processos a nível dos diferentes Consulados e a formação adequada dos funcionários consulares e da VFS, que muitas vezes desconhecem determinados tipos de vistos e os seus requisitos legais. A Ei! e outros profissionais na área da imigração têm tido um papel muito didático para com os funcionários dos Consulados e VFS mas julgamos que este papel deveria estar a cargo das autoridades competentes.

Conseguindo alcançar estes objetivos, todos saímos a ganhar! A nossa economia será estimulada, os cidadãos estrangeiros continuarão a desejar fixar residência no nosso país e passaremos a ter uma componente cosmopolita que nos permitirá o desenvolvimento económico, tecnológico, cultural, artístico e social que nos possibilitará ganhar uma ainda maior projeção global.



Gilda Pereira
CEO Ei! Assessoria Migratória

| CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

Os Direitos dos Conselheiros do CCP



O CCP é o órgão representativo da diáspora portuguesa espalhada no mundo, a ele cabe o papel de ser “o órgão consultivo do Governo para as políticas relativas às comunidades estrangeiras portuguesas no estrangeiro”. Isto é o que diz a Lei n.º 66-A/2007, de 11 de dezembro, alterada e republicada pela Lei n.º 29/2015, de 16 de abril (doravante a Lei do CCP). Assim, os Conselheiros são os que foram eleitos para dele fazerem parte, representando as suas respectivas comunidades, ou seja, os países de acolhimento, ligados ou não ao meio associativo (não é, nem tem que ser um requisito para se exercer estas funções), das mais diversas profissões (desde operários, empresários, quadros técnicos e superiores), habilitações académicas, todos com mais ou menos militância decalcada dos seus interesses

cívicos, religiosos e políticos. Interessa antes de mais, representar os interesses superiores da Comunidade Portuguesa, num espírito de união e cooperação surpreendente, com debates vivos e construtivos por parte de todos, sejam de centro, direita ou esquerda, pois aqui o partido político é Portugal, a sua Bandeira e as suas Comunidades espalhadas pelo Mundo.

Estes Homens e Mulheres dedicando parte do seu tempo, sacrificam parte da vida profissional e familiar à resolução de assuntos relativos à comunidade portuguesa, de forma voluntária e gratuita, cabendo-lhes por serem membros do CCP, executar as competências atribuídas a este órgão representativo da Diáspora.

Importa, porém, desmistificar alguns mal-entendidos, o

Conselheiro não é funcionário público, não é funcionário do Consulado ou da Embaixada, não faz parte dos quadros do MNE ou SECP. Aliás, o artigo 30º da Lei do CCP é perentório na descrição das incompatibilidades, as quais se aplicam precisamente aos casos atrás mencionados.

Da mesma forma, não está o Conselheiro limitado no seu papel por qualquer tipo de interesses políticos, corporativos, diplomáticos, sejam eles explícitos ou implícitos, venham eles de onde vierem, custe o que custar a alguns que preferiam que tivessem uma voz passiva, ou mesmo inexistente, seja do CCP ou do próprio Conselheiro. Este, desempenha o seu papel, com ou sem orçamento prometido pela tutela, nem dele depende para a sua missão, algo que não deixa de ser discutível, pois nalguns países de grande dimensão tal acarreta despesas. Afinal, trata-se do bom homem de família, do cidadão médio que cabe representar a sua comunidade para a qual foi eleito de forma livre e democrática.

Para tal, a Lei do CCP confere aos Conselheiros no artigo 29º os direitos abaixo descritos, usando expressões como:

- Intervir em debates, apresentar propostas e votar;
- Solicitar, por escrito, esclarecimentos aos titulares dos postos consulares nos círculos eleitorais pelos quais foram eleitos;
- Reunir semestralmente com os titulares das missões diplomáticas e dos postos consulares;
- Reunir, pelo menos uma vez por ano, na Embaixada de Portugal, com os técnicos e diplomatas do Ministério dos Negócios Estrangeiros para troca de informações sobre

questões de importância para o país e para as comunidades portuguesas em domínios como o ensino, temas sociais, economia, associativismo, cultura, entre outros;

- Solicitar, por escrito, através do membro do Governo responsável pelas áreas da emigração e das comunidades portuguesas, aos diversos serviços dependentes do Estado Português no estrangeiro, informações sobre questões relacionadas com as comunidades portuguesas e emigração. Mas ficam os Conselheiros impedidos ou limitados por este artigo, no uso dos seus direitos cívicos e políticos? A resposta é não! O próprio Conselho Permanente do CCP debruçou-se sobre esta questão através da Resolução 1/2019, com a qual estou plenamente de acordo e subscrevo na íntegra. Como diz o nº 1 do artigo 18º da Constituição da República Portuguesa (doravante CRP), “os preceitos constitucionais respeitantes aos direitos, liberdades e garantias são diretamente aplicáveis e vinculam as entidades públicas e privadas”. Por outras palavras, o Conselheiro para além dos artigos da Lei do CCP, tem como qualquer outro cidadão, ao dispor, todos os direitos, liberdades e garantias previstos na CRP. Aliás, a CRP é só a lei mais importante de todo o ordenamento jurídico português. Antes de se ler a Lei do CCP, deve o Conselheiro ou o candidato a tal, começar por ler a CRP, seguindo as fontes do Direito Português, segundo a sua hierarquia, verificando que a seguir aparecem as normas e os princípios de Direito Internacional geral em comum, convenções e tratados internacionais. Só em terceiro lugar se referem as Leis, Decretos-Leis e Decretos Legislativos Regionais.

Interessa, pois ressaltar, alguns dos direitos constitucionais que considero fundamentais e que não devem ser estranhos ao bom desempenho do Conselheiro, pois mesmo “os cidadãos portugueses que se encontrem ou residam no estrangeiro gozam da proteção do Estado para o exercício dos direitos e estão sujeitos aos deveres que não sejam incompatíveis com a ausência do país”, assim o diz o artigo 14º da CRP. Da mesma forma, “as restrições à capacidade civil só podem efetuar-se nos casos e termos previstos na lei, não podendo ter como fundamento motivos políticos”, conforme o exposto na parte final do nº 4 do artigo 26 da CRP. De importância capital é o direito à liberdade de expressão, uma vez que “todos têm o direito de exprimir e divulgar livremente o seu pensamento pela palavra, pela imagem ou por qualquer outro meio, bem como o direito de informar, de se informar e de ser informados, sem impedimentos nem discriminações”. Aliás, “o exercício destes direitos não pode ser impedido ou limitado por qualquer tipo ou forma de censura”, veja-se para o efeito o artigo 37º da CRP. Mais, conforme indicado no nº 1 do artigo 46º “os cidadãos têm o direito de, livremente e sem dependência de qualquer autorização, constituir associações, desde que estas não se destinem a promover a violência e os respectivos fins não sejam contrários à lei penal”, isto apesar da aplicação limitada do mesmo, pois o que aqui se indica aplica-se ao associativismo de direito português. Como se vê, por intermédio do artigo 48º da CRP, não só o Conselheiro como “todos os cidadãos têm o direito de tomar parte na vida política e na direção dos assuntos públicos do país, diretamente ou por intermédio de representantes livremente eleitos” e que “todos os cidadãos têm o direito de ser esclarecidos objetivamente sobre atos do Estado e

demais entidades públicas e de ser informados pelo Governo e outras autoridades acerca da gestão dos assuntos públicos”. No que toca à liberdade de associação, “esta compreende o direito de constituir ou participar em associações e partidos políticos e de através deles concorrer democraticamente para a formação da vontade popular e a organização do poder político” veja-se para tal o nº 1 do artigo 51º da CRP.

Como se indica no artigo 52º da CRP relativo ao direito de petição e de ação popular, todos os cidadãos têm o direito de apresentar, individual ou coletivamente, aos órgãos de soberania, aos órgãos de governo próprio das regiões autónomas ou a quaisquer autoridades petições, representações, reclamações ou queixas para defesa dos seus direitos, da Constituição, das leis ou do interesse geral e, bem assim, o direito de serem informados, em prazo razoável, sobre o resultado da respectiva apreciação”, um bom exemplo disso foi a petição Português para Todos, liderada pelo Conselheiro Pedro Rupio.

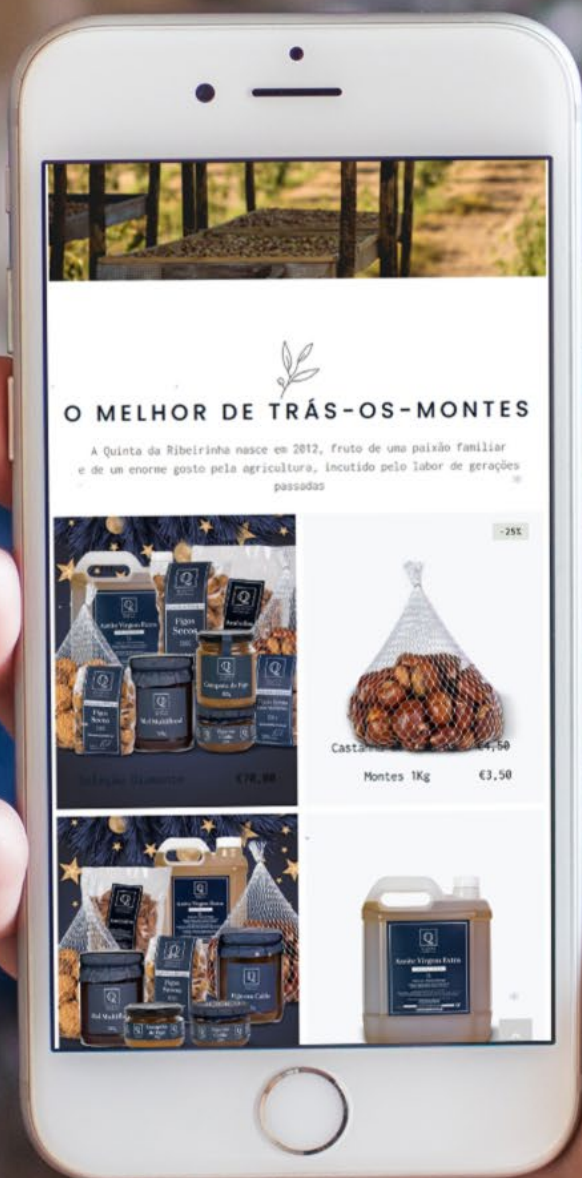
E se num hipotético cenário de um litígio relacionado com a representação da Diáspora e ou com o CCP, em que uma das partes fosse o Estado, estaria o Conselheiro impedido de recorrer à justiça? A resposta é novamente não, pois conforme indica o nº1 do artigo 20º da CRP, “a todos é assegurado o acesso ao direito e aos tribunais para defesa dos seus direitos e interesses legalmente protegidos, não podendo a justiça ser denegada por insuficiência de meios económicos”.

Estes são os direitos que considero relevantes para a dignificação do papel do Conselheiro e para a afirmação do CCP. Para terminar, como diria William Shakespeare, “aceita o conselho dos outros, mas nunca desistas da tua opinião”.



João Verdades dos Santos
Conselheiro das Comunidades Portuguesas

Q U I N T A D A R I B E I R I N H A . P T



PORTUGAL PELO MUNDO

Nelson Ponta-Garça

San José - Califórnia



Quais são as suas origens portuguesas? Sente orgulho nessas origens?

Os meus pais são Açorianos. Eu nasci já nos EUA, embora tenha passado uma grande parte dos anos marcantes da minha juventude nos Açores e mais tarde em Lisboa antes de ir até Boston, EUA e de seguida Califórnia. Claro que sinto muito orgulho! Não só sinto orgulho como dediquei uma grande parte da minha vida a dar a conhecer as extraordinárias histórias de mérito e sacrifício dos Portugueses a

residir nos EUA, quer através da RTP, quer através da série documental e de livros na saga, *Heritage*, *History*, *Home da Portuguese In*.

Fale-nos um pouco do seu percurso profissional.

O meu sonho de criança era ser o melhor pianista do mundo. Passei horas a aprender Chopin, Mozart, Beethoven, e mais tarde saxofone. Não me tornei no melhor pianista do mundo porque não era esse o meu destino, mas cumpri o

sonho da música, tive um estúdio de gravação e produção de CDs e bandas. Toquei em bandas jazz, rock, world, pim-ba, rock alternativo etc. Fui professor de música, mestre de filarmónica, diretor coral, acho que até toquei ferrinhos em grupos de carnaval. Na escola secundária era um aluno empenhado e dedicado, não era o mais inteligente, mas era o melhor porque era o que mais se dedicava. Os bons alunos na altura, num país sem grandes saídas profissionais, medicina era o sonho de todos. Concorri para medicina e mesmo com média de cerca de 18 valores, não entrei, tinha 20 valores a quase tudo, mas depois correu-me mal um dos exames nacionais e não consegui. Foi aí que regresssei ao meu país de origem - EUA, para seguir o sonho da música e de ser empresário.

Quem conhece o Nelson, sabe que é uma pessoa muito dinâmica, sempre envolvido em grandes desafios, recorrendo o grande sucesso do seu projeto reportagem/vídeo “Portuguese in Califórnia. Como surgiu a ideia? Que impacto teve esse projeto?

Este projeto surgiu na visita do Presidente da República Cavaco Silva à Califórnia. Eu já tinha fundado a minha empresa NPG Multimedia na altura e dávamos apoio ao consulado de Portugal em São Francisco, bem como a todas as organizações Portuguesas locais, na produção de audiovisual. Fui muito bem recebido e fui encorajado na altura, há cerca de 10 anos, a aprofundar este projeto que depois se expandiu para outras zonas com grande presença portuguesa: Havai, Nova Inglaterra, etc.

Agora o “Portuguese in Califórnia” em livro, foi o concretizar de um sonho? Este livro é materializar em papel aquilo que foi o trabalho em vídeo ou traz algo de novo? Qual é o público-alvo do seu livro?

Sim. Já plantei mais de 500 árvores no meu projeto de turismo Azoreszen, já tive um filho, a minha maior alegria e orgulho, e faltava o livro. A ideia do livro surgiu no sentido de imortalizar estas histórias incríveis das migrações Portuguesas. Tornar mais físico, concreto e palpável algo que o

vídeo, o cinema e as séries documentais não conseguem. A primeira geração ainda gosta muito de ter algo nas mãos e não apenas algo digital.

Qual é a mensagem que pretende passar a quem ler este livro? Acha que pode ser um exemplo para os mais novos para lhes mostrar que o trabalho, dedicação e resiliência e também talento, dão frutos?

Sem dúvida. Acho que acima de tudo, um diretório e um documento histórico de registo das principais figuras Portuguesas neste estado dos últimos 100 anos. Serve de inspiração porque a maioria destas pessoas incríveis chegou aos EUA sem nada e construíram grandes impérios de uma forma honesta e digna, que inspira não só os mais jovens, mas qualquer ser humano.

Sabemos que regressou a Portugal com a família, foi um adeus à Califórnia ou continua a manter ligação e presença nos Estados Unidos?

Esta deve ser a pergunta que me costumam fazer que mais me aborrece. Eu passei uma vida a ligar e a fazer uma ponte entre os dois países. Às vezes passo mais tempo em Portugal, tem sido o caso agora por causa da Covid-19, os Açores são um lugar fantástico e em alturas pandémicas ainda mais, mas continuo com a minha empresa nos EUA, tal e qual como quando saí. As pessoas têm sempre a necessidade de colocar um rótulo nas coisas, eu sou um cidadão do mundo e se Deus quiser, continuarei a viver entre os dois países. Não sou mais nem de um, nem de outro, não gosto mais de um, nem de outro, sou dos dois, gosto dos dois. Acho que quem migrou se sente assim para toda a vida, nunca estará bem apenas num lugar.

O regresso a Portugal era um sonho adiado ou foi uma opção por algum motivo ou desafio em especial?

Eu desde que fui para os EUA, que todos os anos voltava a Portugal, às vezes duas vezes por ano, se não vinha mais era porque não podia. Nunca tive aquele sonho de poupar e



regressar a Portugal na reforma. Eu estava focado nos EUA e nem pretendia ter em Portugal residência. Com a morte do meu pai e nascimento do meu filho fiquei com mais vontade de investir em Portugal e assim o tenho feito.

Se tivesse que estabelecer diferenças do que mais gosta e menos gosta em Portugal e nos Estados Unidos, que aspectos positivos e negativos apontaria?

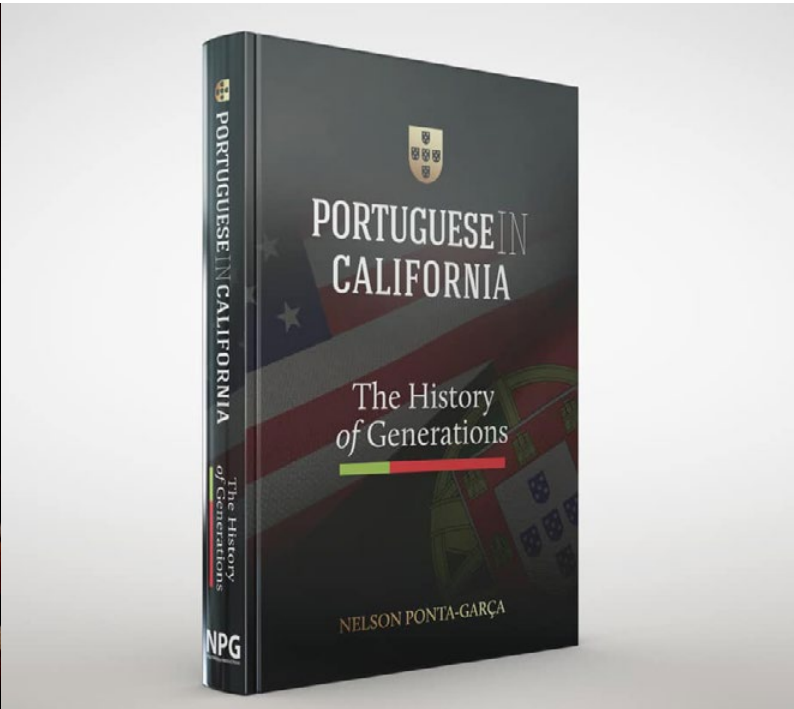
A desvantagem de conhecer outros mundos é que depois nunca se está satisfeito com o que se tem, e isso é mau. Em Portugal dizem-me várias vezes, “Não penses que estás na América, isto aqui é assim, não é como na América”. Acho que tenho dado um contributo para que se veja a migração Portuguesa de outra forma, com mais respeito. Em Portugal o que mais me incomoda, e acho que a todos, é a burocracia, a papelada. O que mais gosto, não é fácil de descrever aqui em breves palavras. Amo este país e amo os Açores. Nos EUA amo as oportunidades que são dadas a quem as queira aproveitar.

Que projetos tem reservado para este futuro próximo?

Só Deus sabe. Mas entre a continuação da Saga “Portuguese In” em outras regiões em documentários, livros, continuação das minhas empresas em Portugal e EUA, e sobretudo, ser um bom pai. Como eu digo sempre, não farei o que eu quero, farei apenas o que me deixarem. Em Portugal é assim. Nos EUA continuarei a fazer a ponte e este *network* mundial com a comunidade portuguesa espalhada pelo mundo. E essa é a minha grande paixão, e depois terei outros projetos para poder pagar as contas, naturalmente.

O Nelson sempre manteve uma relação de grande proximidade com as comunidades portuguesas residentes nos Estados Unidos, nomeadamente, empresários, dirigentes associativos, artistas, entre outros, continua a ter esta proximidade com as recentes mudanças na sua vida? De que forma?

Sim claro, sempre. Cada vez mais com a globalização e digitalização, não interessa muito onde se está. Agora mesmo



estou a escrever esta pequena reflexão/entrevista para a revista Descendências Magazine, no meio do atlântico, num sítio remoto que poucos conhecem, amanhã estarei num dos centros mundiais em *Hollywood, Los Angeles*. Estou no meu último mandato como conselheiro das comunidades Portuguesas, representando a Califórnia e os 13 estados de jurisdição daquele consulado, um dos maiores em todo o mundo, fui também Vice-presidente do CCP. Mas, enganem-se aqueles que pensam que eu preciso de títulos oficiais para representar a minha comunidade, já o fazia antes de ser eleito e assim o farei depois, enquanto o desejarem.

Como vê atualmente a realidade do movimento associativo na comunidade portuguesa dos Estados Unidos?

Muito mal. Vão-se perder em poucos anos décadas de suor e lágrimas dos nossos antepassados. Mais não digo!

O regresso a Portugal é hoje um desafio colocado às nossas Comunidades Portuguesas espalhadas pelo mundo,

inclusivamente com programas específicos do governo português para incentivar ao regresso. Como olha para este desafio? Que mensagem gostaria de deixar aos nossos cidadãos que desejam regressar a Portugal?

O regresso a Portugal será cada vez mais uma realidade e os números cada vez maiores sobretudo, pelo facto de Portugal ser hoje um país muito melhor para viver e muito mais apelativo a Portugueses e a outras nacionalidades. A grande dificuldade é mesmo a burocracia, o choque cultural e a falta de comunicação. De resto, viver em Portugal são só vantagens.

Obrigado por esta oportunidade, felicitando o Nelson por todo o trabalho que tem desenvolvido junto da comunidade portuguesa a residir no estado da Califórnia, desejando os maiores sucessos pessoais e profissionais.

Obrigado e parabéns à Descendências Magazine pelo trabalho que tem feito. Obrigado pela oportunidade.

| AMBIENTE

Microflorestas urbanas

no combate às alterações climáticas

Entre as várias medidas de combate às alterações climáticas, uma das que está mais em voga é a plantação de árvores, quer através de grandes plantações em regime de monocultura, quer através de plantações de florestas mistas com várias espécies autóctones.

Todavia, além destas plantações em grande escala há um novo conceito que está a surgir por várias cidades, um pouco por todo o mundo – as microflorestas urbanas de rápido crescimento.

Nas zonas densamente povoadas não é possível promover a criação



de grandes florestas, pelo que, a solução passa pela implementação destas microflorestas mistas em pequenos lotes de terra. Estas contribuem para tornar as cidades, visualmente, mais agradáveis e acolhedoras e, ambientalmente, mais sustentáveis e biodiversas.

Um estudo recente (2017) da universidade holandesa de Wageningen, refere que uma floresta pode atrair até 600 espécies diferentes, de animais e plantas. Nas operações de monitorização, os investigadores concluíram que, estas pequenas florestas apresentam valores mais elevados de biodiversidade, comparativamente com as florestas convencionais para a produção de madeira, quer em números

de indivíduos, quer em grupos de espécies. Estes valores resultam da variedade das espécies, da pouca idade e da abertura das florestas, que permite uma maior entrada da luz solar e o desenvolvimento de mais flores, que por sua vez atraem mais polinizadores. Estas microflorestas proporcionam uma grande variedade de alimentos e abrigos para muitos animais, onde prosperam, pássaros, répteis, anfíbios e insetos, entre outros.

Para a criação destas pequenas florestas citadinas ultradensas, biodiversas e com várias camadas, tem sido usada uma técnica de plantação originária do Japão, chamada “Miyawaki”, que consiste na preparação inicial dos so-



los, enriquecendo-os com nutrientes e plantando uma mistura de várias espécies primárias e secundárias de árvores autóctones, com grande proximidade entre elas (três por metro quadrado). Estas espécies estando adaptadas às regiões nativas, às características dos solos e ao clima, necessitam de uma menor manutenção e crescem mais rápido. Num curto período de tempo, os resultados começarão a aparecer e os habitantes das cidades poderão começar a usufruir dos benefícios de um ambiente natural, com várias árvores e plantas de menor porte, num habitat de grande biodiversidade. Estas plantações têm sido desenvolvidas por movimentos ambientalistas e por moradores dos bairros das cidades, que com orgulho, em ações de voluntariado, contribuem para tornar as suas cidades mais bonitas e mais saudáveis.

Estas microflorestas, devido à sua elevada densidade – trinta vezes mais densas que a média das florestas convencionais – conseguem um crescimento dez vezes mais rápido que estas e possuem uma capacidade de atração da biodiversidade, vinte vezes maior. São autosustentáveis e autênticos micro-pulmões urbanos.

As cidades são as principais responsáveis pela degradação ambiental a que hoje assistimos no planeta Terra. O papel

das microflorestas é inverter essa tendência destrutiva e rejuvenescer, de uma forma rápida, a ecologia local.

Embora as paisagens urbanas representem apenas dois por cento da superfície terrestre, aquelas são as maiores responsáveis pelas alterações climáticas e, consequentemente, pela acelerada perda de biodiversidade.

O *UN-Habitat* – Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos, dedicado à promoção de cidades mais sociais e ambientalmente sustentáveis – refere que as cidades são responsáveis pela produção de cerca de 70 por cento das emissões de gases de efeito estufa e consomem 80 por cento da energia mundial. O alargamento acentuado das áreas urbanas provoca a destruição de *habitats* e reduz a biodiversidade que lhes está associada.

Como inverter essa tendência? Com o envolvimento de todos, entidades e populações é possível criar espaços alternativos, em cada bairro, em cada rua, nos espaços públicos e privados. É possível converter muitos desses espaços em florestas exuberantes, com *habitats* cheios de biodiversidade, em contraste com a frieza do betão. Estes bosques de espécies mistas têm a capacidade de absorver uma maior quantidade de carbono, comparativamente, às florestas de coníferas.

Embora pareça difícil restaurar ecossistemas naturais em áreas urbanas, a verdade é que, em cidades densamente povoadas como Nova Deli (Índia) e Tóquio (Japão), as microflorestartas começam a proliferar. Foram criadas parcerias entre as comunidades e os líderes dessas cidades que estão a resultar muito bem. As microflorestartas urbanas começaram a surgir nos parques das cidades, nas escolas, em zonas industriais, nos bairros, em parques de estacionamento e até ao longo das estradas. Estão a ser dados passos importantes no sentido da restauração da biodiversidade nativa, do sequestro do carbono e da melhoria da saúde humana.

As cidades precisam de espaço para respirar, precisam de criar lugares mais saudáveis e mais atraentes para as pessoas. Além disso, com as alterações climáticas, as cidades estão mais expostas às inundações provocadas pelas tempestades e as temperaturas estão a aumentar para níveis indesejáveis. Nestes cenários, as microflorestartas poderão ter um papel regulador, pois, apresentam uma elevada capacidade de regeneração do solo, embelezam a paisagem urbana, ajudam a reduzir os efeitos nocivos da poluição, regulam o clima, melhoram a qualidade do ar, regeneram o solo, promovem a biodiversidade, melhoram a saúde e o bem-estar das pessoas, sequestram o carbono, aumentam a resiliência às inundações e combatem o fenómeno das ilhas de calor nas cidades, provocadas pela grande quantidade de betão e asfalto. Estas florestas poderão funcionar também como espaços de aprendizagem para as escolas, permitindo a identificação e o conhecimento de espécies nativas, animais e vegetais.

Também por toda a Europa começam a surgir as microflorestartas, em substituição de paisagens artificiais. Toma-

mos como exemplo, projetos desenvolvidos na Bélgica, na Holanda, em Paris, Toulouse e noutras cidades francesas.

Estas microflorestartas têm sido implementadas com base no supra referido método “*Miyawaki*”, desenvolvido pelo famoso botânico japonês *Akira Miyawaki*, e resultam, num curto espaço temporal, em grandes benefícios para as cidades, ao nível social, económico e na reparação ambiental do ar, da água, do clima, do solo e dos ecossistemas. Estas florestas podem tornar-se ecossistemas maduros num curto espaço temporal – cerca de 20 anos. *Miyawaki* plantou mais de mil microflorestartas no Médio Oriente, depois de perceber que, nas áreas protegidas à volta dos templos, santuários e cemitérios no Japão, existia uma enorme variedade de vegetação nativa, organizada em ecossistemas diversos e muito resilientes, em contraste com as monoculturas de florestas de coníferas.

De acordo com vários cientistas, estes ecossistemas sustentáveis, verdadeiros oásis de biodiversidade, são essenciais para que consigamos atingir as metas climáticas. Para que isso seja possível será necessário que se criem corredores de vida selvagem através de faixas contíguas de minifloresta.

No entanto, apesar da sua importância, convém salguardar que as microflorestartas deverão funcionar como elementos complementares às grandes áreas de florestas nativas e não como suas substitutas. Urge que se protejam as grandes extensões florestais, constantemente ameaçadas sobretudo por interesses económicos, sejam eles a desflorestação para a venda de madeira, a agricultura intensiva, os incêndios ou a exploração mineira a céu aberto.



Vítor Afonso
Mestre em TIC

Na foz do rio Kwanza

*A foz – lugar que te quero mostrar um dia
irmos lá ver as margens e espreitar*

os mangais verdes

perto de uma água lisa

bonita de os pássaros e as árvores e as nuvens

se espelharem nela, nessa água bonita

mostrar-te as margens brancas

e uma língua extensa de areia onde

a margem do rio

toca

a alma salgada do mar.

um rio lindo

de se deitar os olhos

kwanza

é o nome dele.

Ondjaki

| ARTES E ARTISTAS LUSOS

Remigio Pereira

Cantor, compositor e produtor

Onde nasceu

Boston Massachusetts, USA

Onde vive

Toronto

Origens lusófonas

Açores, São Miguel, Maia

Website oficial

www.remigiosmusic.com

Instagram

@remigiosmusic

Twitter

@remigiopereira

YouTube

youtube.com/c/REMIGIOPEREIRA



Vencedor do Juno Award dividiu o palco com Celine Dion, Michael Bublé, Andrea Bocelli, David Foster, Sting e já se apresentou para os presidentes Obama, Clinton, Bush, A Rainha da Inglaterra, O Dalai Lama, e foi apresentado no Oprah Winfrey Show. Remigio lidera uma carreira ativa com 9 discos, alcançando o status de venda de discos Multi-Platinum.

A canção portuguesa “Nada Mais” foi escrita no estilo da música favorita do seu falecido pai, o Fado. A homenagem a seu falecido pai pode ser encontrada no DVD ao vivo “Under One Sky”, filmado no Caesars Palace. O público conhece Remigio pelas suas apaixonantes apresentações ao vivo e o seu aguçado senso de humor no palco. Ele emprestou a sua voz para muitas causas, como Bulembu.org, ajudando missionários cristãos a cuidar de 400 órfãos na Suazilândia. Remigio apoia o bom trabalho de organizações como a Hobbitstee Wildlife Animal Rescue.

Quando e como iniciou a sua atividade artística?

Cresci a ouvir música. O meu pai amava a Amália e fazia muitas serenatas para a minha mãe. Eu estava inclinado a seguir uma carreira no hóquei, mas tive uma lesão aos 15 anos e enquanto estava a recuperar, comecei a tocar guitarra elétrica. Estive ligado a bandas de rock do colégio tocando canções dos *Van Halen*, e aos 21 anos comecei a estudar guitarra clássica com Patrick Roux. Foi durante a faculdade

que uma professora de coro me abordou para ter aulas de canto e dediquei os meus estudos à ópera em particular à *Maria Pellegrini*.

Quais foram as principais influências que marcaram a sua forma de cantar?

A principal influência foi o meu pai. A sua forma de cantar era inata e soberba. Depois ouvi cantores como *Franco Corelli*, *Beniamino Gigli* e *Mario Lanza*, aprendi a falar italiano e nasceu o meu amor pela música clássica.

Cantou para a Rainha Isabel II, para o Dalai Lama, entre muitas outras figuras, o que representaram os 10 anos dos The Tenors para a sua carreira?

Um misto de sentimentos. Serviu como um grande despertar para mim, uma experiência de aprendi-

zagem, mas também de descoberta sobre muitas verdades de uma indústria em que os artistas são continuamente explorados. Os nossos sentimentos e valores não são muito relevantes na indústria da música.



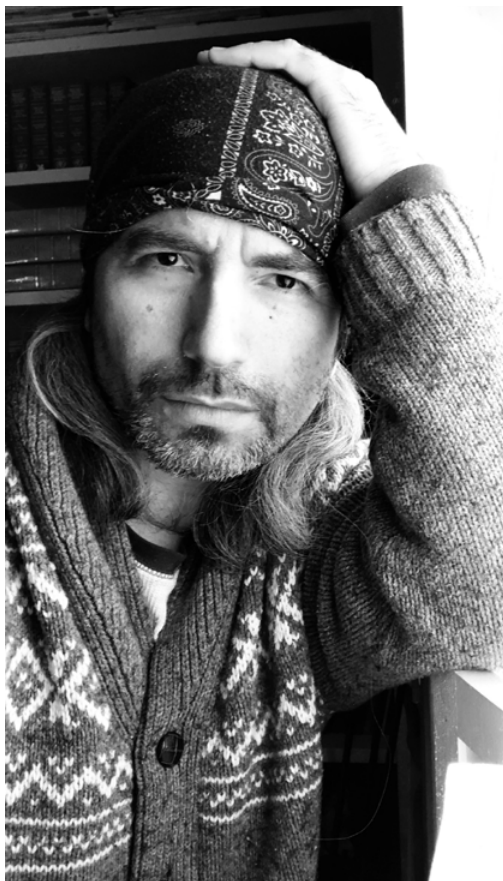


Numa entrevista sua à *Citynews Toronto* explica o episódio do ‘*all lives matter*’, mas queríamos pedir-lhe um pequeno resumo do que se passou, porque o fez, e o que sentiu pelo facto dos elementos do grupo o terem deixado sem nenhuma palavra e apoio.

Durante o hino nacional, em frente a 32 milhões de pessoas no *MLB All Star Game*, comecei a cantar substituindo a letra original, que incita à guerra, por palavras de união e paz, dizendo que “somos todos irmãos e irmãs, e que todas as vidas são importantes para Deus”. Foi bem recebido pelo público no estádio, mas a imprensa acabou por deturpar a mensagem de paz que queria passar para incitar à raiva e ao ódio. Fui rotulado de racista, expulso da indústria da música e recebi ameaças de morte. Porque é que isso aconteceu? Foi o culminar de 10 anos de abuso psicológico de alguns dos membros da banda e do nosso *manager* da altura. Tínhamos constantemente discussões entre o grupo e talvez esta tenha sido uma forma de me demarcar deles e de iniciar um novo projeto de vida, embora na altura como referi tenha sido bem recebido pelos espectadores. Quanto ao silêncio do resto da banda foi o alinhamento que optaram para não serem prejudicados na imprensa e na indústria da música.

Voltaram a falar depois do incidente?

Ainda não tive notícias do *Clifton* e do *Fraser*. Enviei um cartão a felicitar o *Fraser* quando nasceu o seu filho em 2016, mas nunca tive resposta. Vi e falei com o *Vic* durante a mediação por causa dos meus contratos. Nós os dois choramos e abraçamo-nos



quando nos vimos, mas era óbvio que iríamos seguir percursos e vidas diferentes, e que uma reconciliação não estava em cima da mesa.

Por muitos fãs o Remigio era considerado a melhor voz do grupo e por isso uma carreira a solo seria inevitável. Como tem feito a divulgação do seu trabalho?

Como deixei de estar alinhado com a imprensa uma carreira a solo torna-se quase impossível. Estou a lutar contra tudo e contra todos, e graças ao apoio desses fãs e de quem me tem descoberto e apoiado nas redes sociais, tenho procurado divulgar os novos temas que vou lançando.

Além disso, criei um canal no YouTube que tem vindo a aumentar em número de visualizações e subscritores.

Considera importante as artes para o desenvolvimento dos países?

Acho que a música e toda a arte em geral desenvolvem a mente e o coração, são elas que nos curam, nos fazem pensar e questionar.

Existem apoios do Estado para os músicos? Que tipo de apoios?

Sim, no Canadá, existem bolsas e alguns programas de apoio promovidos pelo governo.

Já atuou em Portugal?

Os *Tenors* nunca se apresentaram em Portugal. Cantei um recital clássico a solo no Palácio Foz de Lisboa em 2005, antes de entrar para os *Tenors*, e



depois em 2019 no *Cordas World Music Festival* na ilha do Pico.

Quais são os seus projetos para 2021?

Em 2021, estou planejar lançar mais músicas sobre a verdade, Deus e a nossa existência. Viver da terra (estou a trabalhar na agricultura biológica, que aproveito para dizer que é uma das melhores formas de praticarmos a agricultura sobre uma perspetiva sustentável), manter-me saudável e rodear-me da minha família e dos meus entes mais queridos.

Uma mensagem para todos os artistas do mundo.

Fique com os pés no chão, saiba de onde você veio, seja humilde e faça isso pelos motivos certos. Dinheiro e fama no final não são o verdadeiro objetivo.

Sugerimos a todos os nossos leitores que se deliciem com a voz do Remigio Pereira e não se esqueçam de subscrever o seu canal e ativar o sininho para as estreias musicais que vão sendo lançadas.



Terry Costa
Presidente do Conselho Cultural da AILD



| LITERATURA PORTUGUESA

Ferreira de Castro

Viajante_Jornalista_Escritor – Da origem à eternidade

José Maria Ferreira de Castro nasce a 24 de maio de 1898 no lugar de Salgueiros, freguesia de Ossela, concelho de Oliveira de Azeméis. Órfão de pai aos oito anos de idade e o mais velho de quatro irmãos, a sua educação foi rude e exigente.

Em 1904 entra para a escola primária de Ossela, fazendo em 1910 o exame do 2.º grau da instrução primária que lhe confere as únicas habilitações escolares oficiais que possui. Interessa-se desde muito cedo pela leitura, adquirindo todas as obras de cordel que a sua parca condição financeira podia suportar.

Passa os primeiros anos da sua vida em intensa comunhão com a natureza do vale banhado pelo rio Caima, em Ossela. Com uma especial apetência pela escrita, mas também pelo ar livre e pela natureza.

A 7 de Janeiro de 1911, com 12 anos de idade, emigra para o Brasil, passando parte da sua adolescência, de início no Seringal Paraíso, no interior da Amazónia, e posteriormente, em Belém do Pará, onde trabalhou arduamente para conseguir subsistir.



Em agosto de 1916, com 18 anos, publica, a expensas próprias na Typografia Francisco Lopes, de Belém, o seu primeiro romance, “Criminoso por Ambição”, que distribui porta a porta. A partir daí, começa a colaborar com alguns jornais locais, estabelecendo, a pouco e pouco, relações com pessoas que lhe abrem o caminho na vida jornalística. Produz e publica, por esta altura, algumas novelas, que, apesar de renegadas mais tarde, lhe começam a conferir alguma notoriedade.

Em 1919 (21 anos) regressa a Portugal, reencontra a família em Ossela, mas parte de imediato para Lisboa tentando fazer carreira jornalística.

A jornalista e escritora Diana de Lis (Maria Eugénia Haas da Costa Ramos n. 1892 - f. 1930) torna-se sua companheira, em 1927.

Por essa altura integra os quadros de “O Século”, coordenando a área internacional.

Em 1928, com a publicação de “Emigrantes”, Ferreira de Castro assume definitivamente

a sua carreira literária, alcançando notória consagração em 1930, ano em que publica a “Selva”, a obra lusófona, durante um longo período de tempo, com mais traduções feitas.

A 30 de maio morre a escritora e sua companheira, Diana de Liz e um ano mais tarde uma septicémia põe em perigo a sua vida e em 1932 vai para a Ilha da Madeira, para se reabilitar. O cenário insular serviria de mote ao seu terceiro romance, “Eternidade”.

Em 1934 decide abandonar o jornalismo profissional, nomeadamente “O Século”, de que era redator, manifestando a sua incapacidade em se adaptar aos condicionalismos da censura, apontando um eventual regresso para quando a li-

berdade fosse restabelecida. Não obstante, nos últimos meses de 1935, dirige “O Diabo”, semanário cultural de vertente oposicionista.

No Estoril conhece a pintora espanhola Elena Muriel com quem viria a casar (Paris, 1938) e a ter uma filha, Elsa Beatriz. Elena Muriel Martinez de La Pera Ferreira de Castro nasceu em Espanha, tendo-se refugiado em Portugal aquando da Guerra Civil no país vizinho.

Em 1939 faz uma viagem à volta do mundo, na companhia de sua mulher, onde recolhe fontes e reúne conteúdos que mais tarde lhe permitem publicar “A Volta ao Mundo” (1944) e as “Maravilhas Artísticas do Mundo” (1963).



A editora Guimarães inicia a publicação das suas “Obras Completas”, que serão ilustradas por Júlio Pomar, Keil do Amaral, entre outros artistas consagrados. Recusa a proposta – e a oferta de trezentos contos – do editor para incluir as obras da primeira fase, anteriores a Emigrantes.

Armando Rodrigues e Orlando Gonçalves dão voz a um grupo de oposicionistas, convidando-o, em 1958, a candidatar-se à Presidência da República, convite que declina, tal como recusa integrar a comissão de honra da candidatura de Delgado, numa atitude crítica à divisão da Oposição.

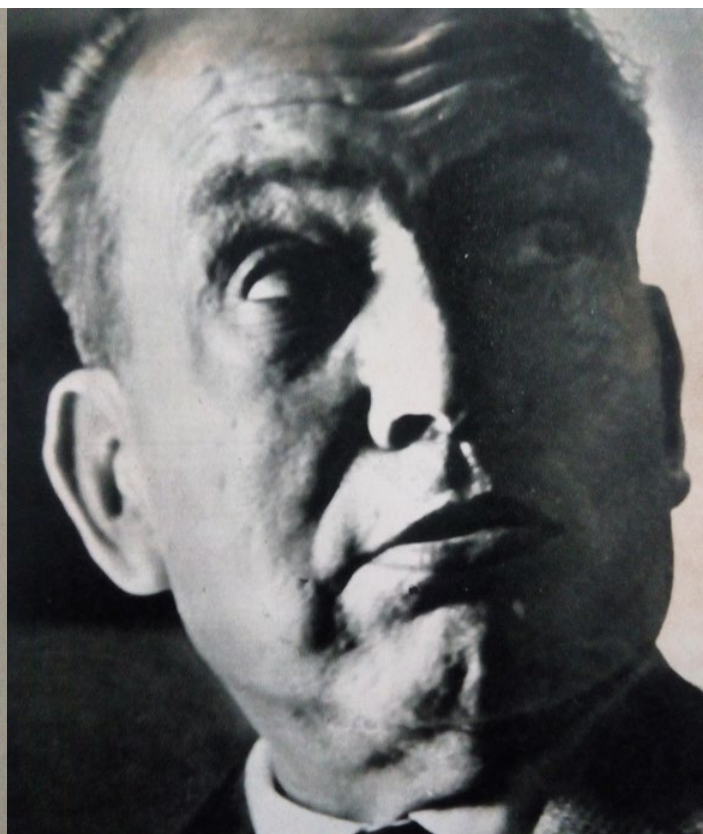
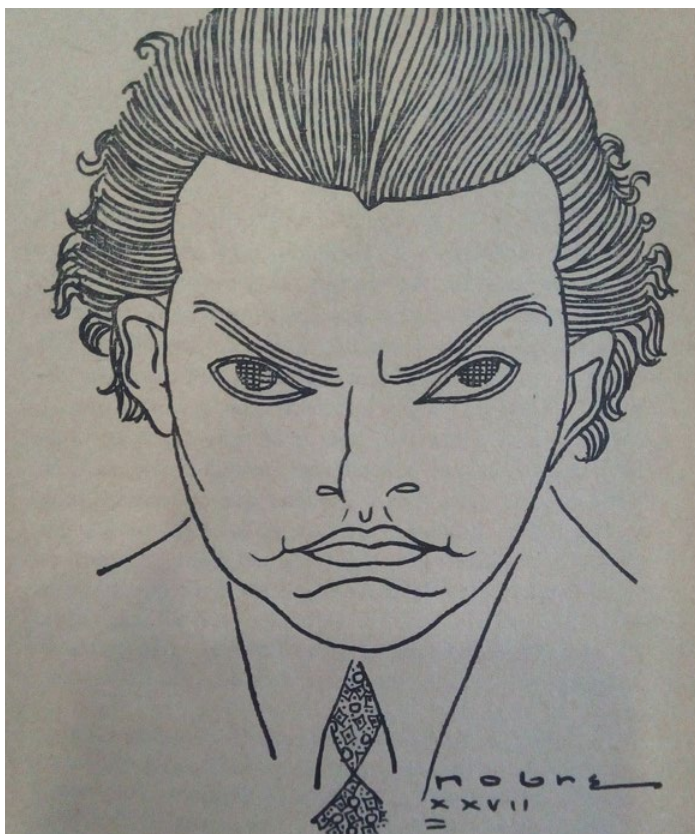
Em 1959 visita o Brasil, 40 anos após o regresso a Portugal, a convite da União Brasileira de Escritores. É apoteoticamente recebido, as sessões de homenagem multiplicam-se. É feito cidadão honorário do Rio de Janeiro.

É eleito por unanimidade presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores, da qual é o sócio nº2 e Aquilino o nº1. Toma

posse a 5 de fevereiro, presidindo até 1964 a uma direção de que fazem parte João José Cochofel, Manuel Ferreira, Manuel da Fonseca e Matilde Rosa Araújo.

Em 1965, Ferreira de Castro recebe a doação da casa arrendada onde nasceu, em Ossela. Dois anos mais tarde, o escritor doa a casa à Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, com a condição de a manter como se encontrava na sua infância. Assinalam-se os 50 anos da sua vida literária. Na Sociedade Nacional de Belas Artes realiza-se uma grande exposição bibliográfica e iconográfica. No Largo da República, em Oliveira de Azeméis, a 30 de dezembro de 1966, é inaugurado um monumento à sua obra, da autoria de Eduardo Tavares.

A União Brasileira de Escritores apresenta, em 1968, a candidatura conjunta de Ferreira de Castro e Jorge Amado ao Prémio Nobel da Literatura. O escritor brasileiro põe como condição a inclusão de Ferreira de Castro. Este, achando-se



não merecedor da distinção, aceita, para que Jorge Amado aceitasse a sua própria candidatura.

A sua obra é distinguida, em 1970, com o “Prémio Águia de Ouro Internacional” no Festival do Livro de Nice, França, o que constituiu um dos maiores acontecimentos da vida literária portuguesa. Com o dinheiro obtido neste prémio manda construir, na terra natal, Ossela, Oliveira de Azeméis, uma Biblioteca. Em 1973 a UNESCO anuncia que *A Selva* está entre os dez romances mais lidos em todo o mundo, publicando-se nesse ano uma nova edição deste grande romance, desta vez ilustrado por Júlio Pomar.

Doa ao “povo de Sintra”, vila onde passou largas temporadas, a maior parte do seu espólio.

Acolhe o 25 de Abril com grande emoção e participa ativamente no primeiro 1º de Maio. Em 5 de Junho sofre um acidente vascular-cerebral em Macieira de Cambra. Não chega a recuperar e morre no Hospital de Santo António, no Porto, em 29 de junho.

A Editora Lello publica toda a obra do autor, sob o título *Obras de Ferreira de Castro*.

Com este sucesso editorial, quer em Portugal, quer no estrangeiro, consegue, através da publicação de diversos e sucessivos êxitos literários, alimentar a auréola da notoriedade até falecer, em 1974, com 76 anos de idade. Mas, para além da notoriedade literária, a personalidade humanista de Ferreira de Castro, que tão bem alimentou a sua obra, constituiu uma referência cívica e moral na luta contra o regime ditatorial e em prol dos direitos humanos.

Teve o mérito, num país fechado, “orgulhosamente só”, de promover, através da leitura, a compreensão e cooperação entre povos de tradições culturais diversos, entre homens de convicções diferentes e até antagónicas. Assim demonstrava como a democracia, superando tanto o relativismo como o absolutismo, pode garantir a liberdade de consciência e de opinião numa sociedade pluralista.



Ricardo Freitas

Gestor do Património, C.M. Oliveira de Azeméis

| SAÚDE E BEM ESTAR

Os meus Pais já não vivem Juntos

A criança e o divórcio dos pais



A palavra divórcio significa a dissolução legal e definitiva do vínculo do casamento civil.

O número de divórcios em Portugal tem vindo a aumentar nas últimas décadas. Segundo dados do INE (Instituto Nacional de Estatística), entre 1960 e 1975, por cada 100 casamentos havia um divórcio. Em 2011, ano em que se atingiu o valor mais alto, 74 dos 100 casamentos realizados,

terminaram em divórcio.

A união entre duas pessoas determina a constituição de uma família.

O fim de uma relação conjugal, pressupõe o término de um projeto a dois, originando, frequentemente, nos adultos, sentimentos de desilusão, frustração e insatisfação.

O divórcio origina grandes mudanças na estrutura familiar, com repercussões na parentalidade, assim

como, na componente económica e social.

Wallerstein e Blakeslee (1989) identificaram três fases principais no processo de divórcio:

1. **Separação:** Nesta fase, as discussões conjugais são bastante frequentes, culminando no abandono do lar, por um dos progenitores. Verifica-se uma grande desorganização familiar

na qual as crianças são muitas vezes testemunhas de agressões físicas e verbais entre os pais. O casal desorganizado está, geralmente, mais centrado nas suas preocupações e menos atento às necessidades dos filhos.

2. Reconstrução: Estádio transicional em que pais e filhos procuram reconstruir as suas vidas. Nesta fase, é frequente haver várias mudanças, nomeadamente de casa, de emprego e/ou de escola.

3. Estabilização: A família volta a encontrar alguma estabilidade. No entanto, globalmente, podem ser famílias mais vulneráveis, uma vez que podem existir, maiores dificuldades económicas, menos apoios externos e mais dificuldades ligadas à parentalidade.

O divórcio implica o fim do ciclo de vida familiar tradicional e pode causar desajustamentos psicossociais nos filhos. Com vista a avaliar o impacto do divórcio no desenvolvimento emocional da criança, têm sido realizados inúmeros estudos.

Os pais promovem a segurança emocional da criança, a independência, o sucesso intelectual e a competência social.

No caso de uma rutura familiar, os estudos indicam que a estabilidade emo-

cional dos filhos dependerá dos pais, de como eles estão ou não saudáveis psicologicamente e como é que eles vão lidar com esta nova etapa das suas vidas.

As crianças mais jovens sofrem mais com o divórcio, por, frequentemente acreditarem ser culpadas por tal acontecimento. Os educadores devem transmitir segurança, para que a criança se sinta protegida.

A maior parte das crianças vive estas mudanças, de uma forma saudável, com poucos danos psicológicos.

No entanto, para muitos autores, o divórcio é considerado como o evento que, com maior frequência, causa stress nas crianças.

Neste contexto, os conflitos inter-parentais contribuem significativamente para um sofrimento emocional nas crianças e jovens, que pode culminar, em situações mais graves, em depressão infantil.

A depressão infantil é uma perturbação psiquiátrica e não apenas um normal estado de tristeza, que pode surgir na sequência de um acontecimento, sentido pela criança como traumático. As crianças têm mais dificuldade em exprimir verbalmente o que sentem e não existem sintomas exclusivos da depressão infantil. A duração, frequência e intensidade dos sintomas,

juntamente com uma recolha de dados minuciosa aos pais e a outros cuidadores, é fundamental para se chegar a um diagnóstico.

Os estudos sobre a depressão infantil revelam que a prevalência da doença aumenta com a idade e, até à puberdade, afeta na mesma proporção ambos os sexos. Na adolescência, no entanto, a depressão é cerca de duas vezes mais comum entre as raparigas.

Sinais de Alerta:

Humor depressivo, tristeza e/ou choro frequente;

Perturbações do sono;

Alterações do apetite;

Diminuição do rendimento escolar;

Isolamento social: nomeadamente na escola;

Baixa auto-estima e constantes sentimentos de culpa;

Fadiga, falta de energia;

Apatia, perda de interesse nas brincadeiras;

Queixas somáticas (barriga, cabeça, etc.)

• Outros.

Se ao ler este artigo, ficar preocupado/a com o seu filho/a deve procurar ajuda especializada, Sugere-se que se dirija ao médico de família e solicite o encaminhamento para um Serviço de Psiquiatria e Saúde Mental da Infância e da Adolescência.



Sílvia Faria de Bastos
Psicóloga/Neuropsicóloga

| COM LUPA: CÁ DENTRO

Casas do Rio



Visitar Barcelos é sentir o Coração do Minho, terra de tradições, boa comida e paisagens retalhadas a verde. É percorrer episódios da história de Portugal e conviver com gente hospitaleira. É chegar à terra de Rosa Ramalho e do Galo que identifica Portugal no mundo.

Lugar único e peculiar, banhado pelo Cávado e moldado por séculos de histórias e tradições, o centro histórico é testemunho do percurso ao longo do tempo e das suas próprias raízes criadas no despontar da Nação Lusitana. Toda a malha urbana é fruto de uma vivência histórica com mais de 700 anos. Ao calcorrear o centro histórico está a pisar o mesmo caminho percorrido pelos peregrinos que rumam a Compostela. Todo o núcleo citadino é pautado por monumentos, acervos patri-

moniais e artísticos, imóveis e pormenores arquitetónicos de várias épocas, desde o românico, gótico, passando pelo renascimento, pelo estilo barroco até ao neoclássico.

O centro de Barcelos é, por si só, a representação de uma herança cultural e histórica própria. Conhecida como a capital do artesanato, agora elevada a Cidade Criativa da UNESCO e cidade berço da lenda do Galo de Barcelos, tem no seu tecido urbano a marca indelével da história secular, ainda viva. A cor, vivacidade e alegria minhota são indescritíveis. Vale a pena um passeio atento pelo centro e vislumbrar os espaços verdes e os jardins coloridos desenhados por flores e arbustos. Pelas ruas e ruelas tente elevar o olhar às varandas decoradas a preceito.



O concelho de Barcelos é um território rico em beleza e paisagens naturais proporcionado pela curiosa reunião entre o Cávado e o território que ladeia as suas margens. Destacam-se da paisagem os montes panorâmicos com vistas de todo o vale do Cávado, Neiva e Este e deixam a seus pés a orla costeira que se espalha a ocidente e as serranias do Gerês que se elevam a Este.

As casas do Rio

Um fabuloso empreendimento de turismo no Espaço rural,

localizado na parte norte do concelho de Barcelos, bem no coração do Norte de Portugal, nas margens do límpido Rio Neiva.

Nas Casas do Rio irá encontrar a paixão de um espaço levantado por uma família que se reinventou. O amor em cada pedra, o carinho por cada planta, a poesia em cada detalhe. Respira-se paz, toca-se o silêncio, cantam as folhas e escutam os pássaros. Um convite para viver o presente, concentrar-se em cada pequeno detalhe, deixar-se perder no tempo e no espaço.

O que têm para oferecer as Casas do Rio?

Espaço exterior:

- Uma Piscina de água salgada, sauna e banheira de hidro-massagem ao ar livre.
- Um pequeno parque de jogos para futebol, basquetebol, voleibol, badminton ou ping-pong.
- Estacionamento privativo no local.

Espaço interior:

- Quartos com aquecimento, televisão de ecrã plano, frigorífico e casas de banho privativas com amenities. As *suítes* possuem ainda lareira, sofá e música no banho.
- Sala de estar com pequena biblioteca, bar, música e televisão. Diversas lareiras que você mesmo pode acender nos dias frios de Inverno.
- Sala de pequenos almoços com vista sobre o jardim. Sala de jogos com snooker, bilhar livre, matraquilhos, setas, jogos de mesa e música.
- Uma sala de cinema que surge da reconversão do antigo galinheiro da casa.
- Acesso gratuito à internet em todo o espaço.

Deste alojamento, pode-se fazer transportar para paisa-

gens de cortar a respiração, linhas de oceano numa água-rela de azul, dourado e verde, parques naturais, montanhas e lagos, numa região onde a hospitalidade é uma marca maior das gentes.

Esta é ainda uma região com vinhos de grande qualidade e com uma gastronomia riquíssima, onde pontifica do famoso Galo Assado à moda de Barcelos, o artesanato e variadíssimos museus e monumentos, num país onde a segurança e a tranquilidade reinam.

Um espaço onde as experiências e o turismo criativo são uma realidade, tendo por base os produtos do território, entre os quais se destacam o conceituado artesanato de Barcelos, fazendo jus ao título de *Creative Friendly Destination*.

O que pode e deve visitar em Barcelos?

Desde as Casas do Rio, em Barcelos, poderá visitar as mais diversas cidades históricas do norte de Portugal. Umas férias tranquilas, porque seja qual for o destino, tudo vai estar sempre tão perto. Escute o silêncio das águas do rio Neiva, que banha toda a propriedade, relaxando e desfrutando de uma unidade de alojamento de elevado padrão, com quar-





tos acolhedores, parque de estacionamento privativo, internet por cabo, parque de desportos, sala de cinema, piscina, jacúzi e sauna, bar aberto 24 horas, bicicletas e um soberbo pequeno almoço disponível cada manhã. Poderá ainda degustar vinhos e sabores no nosso jardim-restaurante.

Nenhuma visita ao norte de Portugal ficará completa sem a passagem pela Feira de Barcelos. Esta é, seguramente, a feira das feiras de Portugal. Remonta ao ano de 1412 e foi concedida por D. João, a pedido do Conde de Barcelos D. Afonso, seu filho.

Poderá também passear pelo Caminho Português de Santiago, visitar o Monte da Carmona, o Santuário da Senho-

ra da Aparecida, relaxar nas praias fluviais do Rio Neiva, calcorrear os percursos pedestres da Chã de Arefe, visitar as oficinas de artesanato, fazer uma prova de azeite e perder-se nas artes chocolateiras da fábrica do chocolate Avianense.

Casas do Rio

Travessa de Navió 4750-407 Cossourado BCL

258 763 145

969 312 585

geral@casasdoriobarcelos.com

<http://www.casasdoriobarcelos.com>

Um agradecimento à Dr.ª Cristina Mendes, do Departamento Operacional da Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal, pela colaboração e informação facultada

COM LUPA: LÁ FORA

Miami



O rumo desta Viagem conduz-nos até à segunda maior cidade do estado da Flórida, Miami. Considerado por muitos como um destino popular de férias, caracterizando-se pela mescla entre as maravilhosas praias de areia branca, a vida noturna e os inúmeros apelos à Arte que se encontram ao dobrar de cada esquina. A sua história remonta às primeiras expedições dos famosos navegadores hispânicos Vicente Pinzón e Américo Vespúcio, que em 1513 aportaram nas imediações da Biscayne. Os relatos destes navegadores indicam que estas terras eram habitadas por tribos indígenas, nomeadamente os “Índios Miami” que viriam atribuir o nome à cidade e ao rio. A título de curiosidade recomendo leitura ou visualização de documentários de Vicente Pinzon, cuja frota completa fundeou alegadamente ao largo da Flórida, resultando ainda hoje

numa das maiores caças ao tesouro dos tempos modernos. Ao longo dos tempos diversas foram as tentativas de “nuestros hermanos” em controlar este território, todavia o resultado traduziu-se num conjunto de expedições fracassadas. Este pedaço de território era apetecível para Franceses, Ingleses e Espanhóis, que detinham interesses no controlo de rotas comerciais, que os catapultavam no negócio de escravos e ouro. Em meados do século XVII, Espanha perde a soberania da Flórida para a Grã-Bretanha como consequência da Guerra dos Sete Anos. Este controlo só haveria de ser revertido em 1793, por meio do Tratado de Versalhes. O controlo por parte do reino de Espanha verificou-se até cerca de 1819, onde após a assinatura do Tratado da TransContinentalidade, a Flórida foi integrada nos Estados Unidos. Com toda esta riqueza histórico-cultural a viagem até



Miami, compreende uma jornada ao passado com traços de colonialismo espanhol. Chegados a Miami através do Aeroporto Internacional, com passaporte e o respectivo “ESTA – Electronic System for Travel Authorization” na mão somos surpreendidos pelo calor e por uma estranha sensação que se estranha, mas facilmente se estranha. À nossa volta a língua espanhola predomina, as pessoas comunicam em espanhol, nas bancas vende-se comida típica de países sul-americanos. Poderemos sugerir que da proximidade geográfica resulta uma forte presença de comunidades de emigrantes, destas poderei destacar Porto Rico, Cuba, Nicarágua, México entre outros países. Aparentemente Miami funciona como uma verdadeira “meca” da América latina.

Essencialmente Miami pode ser subdividida em três grandes zonas, nomeadamente: Everglades– Zona Pantanosa que de certa forma constitui a base de água doce para toda a cidade; Miami Downtown na qual se destacam grandes zonas empresariais como BaySide, BayFront, Brickwell; Miami-South Beach uma língua de areia branca ligada ao continente por diversas pontes e na qual milhões de tu-

ristas procuram o contraste entre o descanso da praia e a movimentada vida noturna.

Vizcaya Museum and Gardens

Este monumento histórico é uma propriedade assente no estilo renascentista italiano, construída entre 1914-1916 como residência de James Deering, o então vice-presidente da International Harvester “Construtora de Veículos Comerciais Agrícolas”.

Visitada por turistas esta casa contempla quartos magnificamente preservados à época e um conjunto de jardins com traços europeus. No jardim e virado para a baía podemos contemplar as iguanas que se banham ao sol e nadam como verdadeiros dinossauros guardiões da propriedade.

Everglades National Park

Cerca de 80 quilómetros a sudoeste de Miami, encontramos o Everglades National Park, considerado por muitos um dos maiores e mais bem protegidos ecossistemas dos EUA – Estados Unidos da América. Este parque caracteriza-se pelos diversos pântanos, prados com vegetação, que albergam di-

versas espécies raras e ameaçadas de extinção, como crocodilos, manatins e pumas. Estamos perante uma imensidão subtropical, património da humanidade e onde o respeito pela natureza é imperativo. A visita ao parque é efetuada ao verdadeiro “estilo americano” num barco equipado com uma hélice ao estilo de um avião, repare seria impossível atravessar o pântano com uma embarcação convencional. O barulho é imenso e a velocidade impressionante ao estilo de “CSI – Horatio Cane” percorremos o pântano até avistar um conjunto de crocodilos. O passeio é educativo e os guias formados alertam constantemente para a importância da preservação desta área e que a ausência da mesma poderia resultar numa cidade de Miami Inabitável. A visita ao parque é concluída com visita ao museu/zoo que alberga algumas das espécies habitantes do parque. Em suma a avaliação é bastante positiva, sendo que esta visita surge como uma lufada de ar fresco, contrastante com a vida cosmopolita de Miami.

Miami Beach – South Beach – Art-Deco-District

A sul da cidade é possível contemplar as areias brancas na frente de um oceano imenso, normalmente repletas de turistas. Em Miami Beach é possível aplicar a máxima de

um local para ver e ser visto. Adjacente à praia uma marginal por muitos conhecida dos videojogos Ocean-Drive. Nesta avenida de construção, é possível observar edifícios em tons de pastel repletos de néon, nos quais funcionam hotéis, lojas e restaurantes. Ocean-Drive é a típica avenida onde os carros de alta cilindrada desfilam ao som dos bares locais, e onde por vezes imerge a sensação de que estamos num verdadeiro filme americano. Nas imediações de South Beach e perpendicular à Ocean-Drive, encontramos Licon Road e Collins Avenue, verdadeiros paraísos para os amantes de compras. Nesta espécie de centro-comercial ao ar-livre encontrarão tudo das marcas mais luxuosas.

Bayside Marketplace

De visita obrigatória, o mercado junto à baía (como o próprio nome indica) contém inúmeras lojas, cafés e restaurantes. Tratando-se de uma área comercial ao ar livre é possível alterar as compras com animação ao vivo existente no local. Junto da marina comercial este local permite a realização de um conjunto de excursões, sendo possível através de barco visitar Miami, navegando o rio e contemplando a imponência dos seus magníficos arranha-céus. Uma boa proposta será terminar um dia de vi-





sita à cidade neste local junto à marina observando os matins que visitam o local e se aproximam curiosamente.

Little Havana

Little Havana, o denominado coração de Miami, é o local onde repousa a alma cubana. Neste distrito podemos encontrar bares e restaurantes especializados em comida de terras de Fidel Castro. Destacam-se as pinturas dos símbolos cubanos, assim como representações da cultura cubana, pintadas sob a forma de mural, um pouco por todo o distrito. Falamos obviamente de Fidel Castro, Che Guevara, Buena Vista Social Club e finalmente jogadores de Baseball. Se imergirmos para o interior do distrito entramos na Calle Ocho (SW 8th Street) numa espécie de Cuba, onde a comunidade sociabiliza na rua com as suas cadeiras apanhando sol ao sabor de um charuto cubano.

Se os planos passam por uma noite de boa gastronomia animada ao ritmo de música latina e com um bom café, é imperativo que visite este distrito.

BayFront Park

Um pequeno parque plantado nas imediações dos edifícios empresariais de Miami. Local ideal para quem procura um passeio pelo parque repleto de fontes e esculturas. Durante os fins de semana são organizados eventos com música ao ar livre. Utilizado essencialmente por pessoas que procuram fugir da azáfama da Ocean-Drive.

Destaco neste parque que é possível utilizar o Mover, uma

espécie de transporte em monocarril retirado dos desenhos animados “Jetsons”, este meio de transporte é gratuito e percorre/circunda todo o centro empresarial de Miami.

Wynwood District

Recentemente criado este distrito destaca-se pelo reaproveitamento dos armazéns abandonados. Por forma a dar vida a este distrito, os maiores artistas de todo mundo expõem os seus murais, transformando o WynWood district num dos maiores museus ao ar livre. Encontrará murais magníficos associados a galerias de arte, ideais para um passeio de contemplação artística e também boutiques de criadores e estilistas locais onde pode efetuar as suas compras.

American Airlines Arena – Miami Heat

Uma das verdadeiras experiências Americanas é nada mais nada menos que assistir ao vivo um jogo de Basquetebol da NBA. Em Miami encontramos a American Airlines Arena que serve de casa à equipa local dos Miami Heat. O preço poderá afastar o turista europeu, todavia acreditem que é o verdadeiro espetáculo dentro do espetáculo, já que se trata de uma arena cheia e aplaudente, com capacidade para 19 mil pessoas, que vibram perante um fenómeno único de desporto.

Visite Miami a cidade que traduz o sonho Americano ao ritmo das caraíbas.



SABORES LUSOS EM ESTADO LÍQUIDO

A arte e o vinho

Duas facetas da intervenção humana

Entendi sempre que os Pais educavam, mas os Avós concediam identidade e profundidade. Pois eu tive a sorte de ter uma Avó que contava a História do Mundo através da História da Arte. Era uma delícia ouvi-la narrar como a evolução humana estava toda ali, ilustrada nas pinturas rupestres, nos clássicos, nas várias tendências artísticas que foram marcando os séculos. O declínio e o apogeu artístico anteciparam sempre a forma como a economia, a demografia, as invenções e as construções foram ocorrendo. E a expressão artística foi ilustrando a forma como os homens se comportavam noutras áreas sociais.

Ora, tendo estado em férias, disponível para me dedicar a um “produtivo” modo de vida ocioso, dei por mim a pensar na arte produzida hoje: tantas vezes marcada por barroquismos sem sentido, vincada por formas que perseguem inovações sem senso, sem utilidade, sem estética. Sempre em nome de uma espécie de modernidade, incompreendida pelos outros. Também o vinho é uma expressão artística do Homem, que influencia e adapta o que a Natureza proporciona. Sim, o vinho é natural e é produzido agricolamente. Mas já não somos nómadas-colectores: influenciamos a Natureza, escolhendo os locais de

plantação das vinhas, optando por determinadas castas em detrimento de outras, seleccionando as uvas, desenhando os lotes e assumindo um conjunto de outras decisões importantes. Ao valorizar o papel do Homem sobre a Natureza na produção do vinho, pareceu-me legítimo equacionar: se a humanidade está culturalmente perdida (ou quase), será que também o mundo dos vinhos está corrompido? A resposta não é linear, mas pareceu-me potencialmente interessante. Ao valorizar as falhas, podemos sempre melhorar e atingir novos patamares de exigência. Então vamos a essa reflexão...

A uniformidade dos sabores

A sobrevalorização de alguns líderes de opinião, sobretudo internacionais, cria condicionantes ao futuro dos sector. Quando um líder de opinião sugere um determinado caminho, há uma maioria de produtores que uniformiza os seus vinhos, para responder às tendências momentâneas. Como consequência, a maioria das castas portuguesas tem vindo a ser abandonada. A introdução de castas internacionais e o abandono de castas locais tem um efeito dramático no potencial de diversidade de que Portugal será um dos países mais bem preparados para assumir. Por outro lado, o uso de leveduras comerciais (em substituição das autóctones) concorre também para a uniformização dos aromas e dos sabores. O seguidismo e as modas são claramente um passo atrás na exploração da localidade, da regionalidade e da cultura dos vinhos. Fica uma nota negativa para aqueles que, na intervenção humana sobre o vinho, não privilegiam o terroir como expressão máxima de um vinho: porque, como na arte, é importante criar correntes e saber contornar modas passageiras.

As consequências de preços baixos

O preço baixo dos produtos finais é uma barreira ao bom investimento. O uso de produtos químicos em excesso – panaceia para os problemas das uvas – é também uma limitação para a afirmação do vinho em todo o seu potencial. Há produtores que, para assegurar preços competitivos, investem mais nas adegas e na enologia do que nas vinhas e na viticultura. Mas assim como há vinhos mais comerciais e com preços mais baixos que pouco respeitam a Natureza, a fileira dos produtores que assume cuidados crescentes com a naturalidade dos vinhos tem vindo a engrossar de forma determinante. Aqui as posições estão a extremar-se, com o meio termo a perder adeptos. Nota

negativa para os produtores, distribuidores e consumidores que se focam apenas no preço – sem perceber as consequências para o sector e para a saúde individual. E nota positiva para aqueles que valorizam a essência, a origem, a singularidade proporcionada pela Natureza, se for protegida pelo Homem.

O esdrúxulo que enjoa

Alguns produtores têm sido pródigos no investimento em marketing e na criação de marcas bombásticas. A utilização de cores berrantes, de figuras estranhas, de garrafas que parecem candeeiros e de designações pomposas é um subterfúgio para a falta de identidade dos seus vinhos. O Marketing é a adaptação ao consumidor, sim. Mas o consumidor preza a identidade, a autenticidade, a originalidade com sentido. Uma descoberta que não introduz nada de útil, não deve ter palco. O Marketing verdadeiro não inventa nem interpreta; faz chegar os bons vinhos, sem os adulterar: com as suas qualidades intrínsecas e com uma comunicação simples, sem barroquismos excessivos. Uma marca pode ser “artística”. Mas só dá nas vistas de forma positiva se tiver um sentido lógico. Nota positiva para os “clássicos”, que privilegiam a Natureza; e nota negativa para quem entende que cada marca de vinho deve ser introduzida no mercado com “neons a piscar”: sejam estes histórias do fantástico ou pinceladas sem relação com o produto.

Em modo de conclusão, o sector parece ter suficientes artistas originais, que vale a pena estudar e que, num ou noutro caso, podem mesmo fazer História. Mas alguns dos vinhos produzidos hoje têm apenas a arte de ser resultado do seu enquadramento histórico actual: sem rasgo, sem diferenciação, sem proporcionar a capacidade de nos fazer parar para os observar com mais atenção.



Pedro Guerreiro
Gestor



| SABORES LUSOS EM ESTADO SÓLIDO

Por detrás de um Menu

Embora a uma primeira vista, possamos encarar um menu como uma simples lista com diferentes propostas de refeições, existe todo um universo por detrás do mesmo que quero abordar aqui convosco.

O menu simboliza e espelha não apenas o Chef, mas, igualmente, o conceito do restaurante. É muito importante por isso, que exista na confeção das refeições, produtos sazonais,

de temporada e autenticamente locais, que transmitam equilíbrio nos sabores, tanto tradicionais, como vanguardistas, mas que também exista uma preocupação com a sua apresentação ao cliente, porque como sabemos, os olhos também comem, não é verdade?

No que toca ao meu gosto pessoal, a minha preferência volta-se para os menus de degustação. Iniciamos com sabores



mais leves, que contribuam para abrir o apetite, gerando o desejo por mais, por tudo o que vem depois. Prosseguimos com pratos mais fortes e consistentes, um bom peixe ou uma carne maturada. E, fechamos com uma sobremesa, que pode seguir uma combinação cada vez mais apreciada: agridoce, equilibrando assim a doçura com algo ácido, para criar um momento saborosamente único.

Conseguimos por isso, com este tipo de menu, ficar a perceber e conhecer da melhor forma possível o *Chef*, assim como, disponibilizar surpresas, sabores variados e uma interação com os clientes, que lhes proporciona uma experiência não só apenas do palato, mas de todos os sentidos.

Deixo-vos para terminar com uma recomendação de menu por mim eleito:

- Terrina de fígado de pato
- Salada de polvo
- Bacalhau à Brás
- Codorniz e acelgas
- Cachaço do porco com migas e molho à alentejana
- Torta de Laranja

Faça bom proveito!



Tiago Sabarigo
Chef Essência Restaurant/ Budapest

s a u d a d e

| FALAR PORTUGUÊS

Como traduzir a palavra saudade?

Quantas vezes já ouvimos dizer que a palavra «saudade» não tem tradução? Desengane-se: essa nossa palavrinha pode ser traduzida.

Os tradutores não trabalham com palavras isoladas: traduzimos frases, parágrafos, textos... A palavra «saudade» será traduzida de diferentes maneiras em diferentes frases. Pode até ser preciso escrever muitas palavras para traduzir aquilo que, em português, é dito apenas e só com «saudade». Mas é esse precisamen-

te o trabalho dos tradutores, que são gente mais criativa do que se diz por aí — e muito habituados a resolver problemas, mesmo que o problema seja a palavra que todos dizem ser impossível traduzir. Estou certo que em nenhum livro traduzido do português apareceu um espaço em branco com a indicação «aqui estava uma palavra que é impossível traduzir».

Poderá alguém contrapor: «Ah, mas não há uma tradução única, pelo menos em inglês.» É verdade que não,

mas isso acontece com muitas palavras, das mais banais às mais complexas. A palavra portuguesa «café» também não tem uma tradução única em inglês. Tanto pode ser «coffee» (o produto) como «café» (o local) ou «coffee shop» (outra forma menos afrancesada de nos referirmos ao café enquanto local)... O mesmo acontece com muitas outras palavras — e é o que acontece com «saudade», que pode ser traduzida de várias maneiras em inglês. Também há muitas pala-

bras inglesas que são traduzidas por diferentes palavras em português, dependendo da frase. Basta pensar no verbo «to get», por exemplo, que tem muitas traduções diferentes, de «arranjar» a «compreender», ou na palavra «key», que pode ser «tecla» ou «chave».

Mas mesmo que queiramos encontrar uma tradução única para a palavra isolada, porquê limitarmo-nos ao inglês? Quem afirma, peremptório, que «saudade» não tem tradução conhecerá, porventura, todas as mais de 7000 línguas do mundo para poder saber que em nenhuma delas existe uma palavra equivalente? Em romeno, por exemplo, existe a palavra «dor». Quando perguntamos a um romeno o que quer dizer esta palavra, a descrição aproxima-se das nossas descrições de «saudade».

Quem me lê poderá agora dizer: «Ah, mas a tradução de “saudade”, seja ela qual for, nunca é exactamente a mesma coisa que a nossa, muito nossa, palavra.»

A tradução nunca é a mesma coisa! Isso aplica-se não só a «saudade», como a quase todas as palavras.

Voltemos ao café. Se eu digo «café», lembro-me imediatamente da pequena chávena de café bebido quase a ferver... Já a mesma palavra em espanhol ou em inglês irá acordar outras imagens na cabeça dos falantes. Um inglês irá pensar num copo bastante grande... Um espanhol talvez pense, em primeiro lugar, no famoso café com leite. Quer isto dizer que «café» é intraduzível? Mesmo dentro de cada língua, cada palavra terá um sabor muito diferente na cabeça de cada falante. Se eu digo «praia», lembro-me das praias da terra da minha infância. Se alguém nascido numa terra mais para o interior disser «praia», pensará nas férias da sua infância. As palavras são traduzíveis entre línguas — mas são, por vezes, intraduzíveis entre pessoas.

O mito da intraduzibilidade de «saudade» é apenas um exemplo dessa ideia peregrina de que há muitas palavras sem tradução só porque há palavras que não podem ser traduzidas usando uma só palavra. Cada língua tem algumas palavras que se tornam especiais, que parecem representar melhor que outras a alma

nacional. A ligação de «saudade» à alma portuguesa tornou-se um tópico recorrente: somos um povo que suspira de saudade à beira-mar, com as caravelas no horizonte... Gostamos tanto desta imagem que às vezes até dizemos que só os Portugueses sentem saudades, como se as emoções fossem exclusivas deste ou daquele povo. Ora, não só há outros povos que usam a nossa palavra (os Brasileiros, que têm o Dia da Saudade, os outros povos de língua portuguesa e ainda os Galegos, que lhe juntam a morrinha), como a palavra pode ser traduzida, com mais ou menos facilidade. E estou certo de que, com ou sem tradução, não há ninguém no mundo que não sinta saudade de alguma coisa...

Para lá das intermináveis discussões semânticas sobre o significado de uma palavra isolada, há o uso real e diário da palavra: aí usamos frequentemente o plural «saudades» e não conheço um tradutor que tenha dificuldade em traduzir uma frase como «Tenho saudades tuas!» ou «Tenho saudades desse tempo!» — e outras parecidas — para outra língua. São frases traduzidas todos os dias...



Marco Neves
Universidade Nova de Lisboa

LEGAL

União Europeia – Índia

Razões para uma boa esperança

info@abreuadvogados.com
<https://abreuadvogados.com>



No próximo dia 8 de Maio o primeiro-ministro indiano Narendra Modi irá encontrar-se virtualmente com os seus homólogos dos vinte sete que se reunirão no Porto. Numa importante mudança de formato face às quinze cimeiras anteriormente realizadas, e que começaram numa outra Presidência portuguesa, Modi poderá contactar, ainda que à distância, com todos os líderes dos Estados-membros e não apenas com os principais titulares das instituições europeias. Esta alteração reforça a importância da cimeira e sublinha a nova prioridade que a Índia e a União Europeia se conferem mutuamente no contexto internacional.

A afinidade sistémica entre ambas é hoje mais evidente, sobretudo à luz da rivalidade nesse plano que mantêm com a China, assumida pela Presidente von der Leyen no discurso do Estado da União de 16 de Setembro de 2020.

No caso sino-indiano, o antagonismo dos dois colossos populacionais assume contornos cruentos de crescente hostilidade, materializada em diversos episódios de violência ao longo das suas regiões fronteiriças.

Tal como tem feito com o Japão, com quem mantém uma parceria estratégica muito estável e produtiva, a Índia deverá procurar diversificar e reforçar a aliança das democracias face ao modelo concorrente e aprofundar o relacionamento económico com a União Europeia. Este momento de aproximação entre blocos democráticos e as oportunidades que desejavelmente daí decorrerão constituem uma altura propícia para que a União Europeia e o Ocidente como um todo reflectam sobre os seus valores, as suas políticas de alianças e a sua liderança à escala global.

Apesar do “pivot” americano para a Ásia-Pacífico, anunciado e aplicado pela administração Obama em 2011, e da menorização ostensiva da União Europeia por parte da presidência Trump, os Estados Unidos e os seus aliados europeus, que parecem encetar algum grau de reaproximação, têm aprendido da pior maneira a circunstância invulgar de a sua aparente auto-suficiência ser insuficiente num mundo de muitas cores e de tantas vozes.

Mundo ligado em rede, em que a informação circula com relativa liberdade e onde a conectividade, as trocas comerciais e o relacionamento horizontal e em múltiplas plataformas assumem crescente importância... e onde se afirma paulatinamente uma nova super-potência com aspirações globais cada vez mais evidentes.

Estamos hoje bastante longe do “momento unipolar” americano, expressão cunhada por Charles Krauthammer para designar a incontestabilidade do poder dos EUA. Muitos dos que antes seguiam o Ocidente, confiavam na justeza e na universalidade dos seus valores e propósitos passaram a desconfiar das suas intenções, a descrer da sua generosidade e a encontrar modelos alternativos sedutores e competitivos.

Alguns representantes desse mundo multivocal recentemente arrancado ao mutismo, como Kishore Mahbubani, reconhecendo que «os princípios ocidentais da democracia, do Estado de Direito, e da justiça social estão entre as melhores apostas do mundo», apontam uma falha fundamental no pensamento estratégico ocidental: «parte do princípio que é a fonte das soluções para os principais problemas do mundo. De facto, no entanto, o Ocidente é

uma fonte importante destes problemas.»

A cimeira de 8 de Maio, apesar das restrições causadas pela pandemia, será uma boa oportunidade para a União Europeia demonstrar que não só conta com a adesão dos que perfilham os mesmos valores como está disposta a estabelecer ligações fortes e a trabalhar com empatia e proximidade com os parceiros mais fiáveis para além da suas vizinhanças imediatas. As Conclusões do Conselho da União Europeia de 16 de Abril deste ano sobre uma estratégia de cooperação para o Indo-Pacífico onde se «considera que a UE deve reforçar o seu foco estratégico, presença e acções» na região dão sinais animadores nesse sentido.

A ligação entre Portugal e a Índia é muito antiga e fundiu os nossos povos. A circunstância traumática da ocupação do Estado Português da Índia pela União Indiana a 18 de Dezembro de 1961 dificultou e inibiu esse relacionamento, mas este persistiu e mantém-se. A influência portuguesa e a cultura e civilização, tão específica quanto autêntica, que resultou deste encontro constituem uma marca identitária que valoriza o subcontinente indiano, assim como a influência indiana alargou a visão portuguesa do mundo e enriqueceu-nos colectivamente.

O exemplo deste diálogo multissecular e a tessitura humana que sustenta uma relação que extravasou há muito a dimensão política e se enraizou na vida e na história de pessoas e de famílias concretas – apesar do tempo, dos desencontros e da distância – são boas razões para que a reaproximação da UE à Índia tenha lugar precisamente sob esta Presidência do Conselho da União Europeia. Razões para uma boa esperança.



João Vacas
Abreu Advogados

CONSULTORIA FISCAL E DE GESTÃO

Ao seu Lado
acompanhando
o seu negócio
quer seja desenvolvido
em nome pessoal ou
através de uma
sociedade de forma
personalizada

As áreas de suporte
e apoio à gestão
são ajustadas às suas
necessidades
potenciando o seu
negócio tendo
em conta a nossa
experiência
internacional.



Business Adviser, Gabinete de Contabilidade
Processamento de Salários, apoio fiscal e ao estatuto RNH

Apoiamos a nossa atividade há já duas décadas
a partir das cidades de Lisboa, Paris, Marraquexe.



Lisboa, Paris, Marraquexe



+351 211 978 542



info@cisterdata.pt



www.cisterdata.pt

DIREITO FISCAL

O Regime dos Residentes não habituais

contact@rfflawyers.com

<http://rffassociados.pt>

O regime fiscal dos “RNH” encontra-se previsto no Código do IRS. Foi introduzido pelo Decreto-Lei n.º 249/2009, de 23 de setembro, e complementado com a Portaria n.º 12/2010, de 7 de janeiro.

Em 2019 verificou-se a primeira alteração substancial ao regime, através da eliminação da isenção de IRS para as pensões de fonte estrangeira auferidas por RNH, sendo substituída por uma tributação à taxa fixa de 10%.

Para requerer o estatuto de RNH, um indivíduo deve cumprir duas exigências: Ser considerado residente fiscal em Portugal e não ser considerado residente fiscal em Portugal em nenhum dos 5 anos anteriores à sua chegada a Portugal.

Salientamos que o estatuto de RNH é opcional e só é adquirido por vontade e iniciativa do contribuinte.

Feita a inscrição como “residente não habitual”, o regime de tributação é aplicável durante 10 anos a



partir do ano, inclusive, da inscrição como “residente” em território português. Contudo, na prática, a opção pela aplicação do respetivo regime de tributação, ao invés do regime geral, é efetuada a cada ano, aquando do preenchimento da declaração Modelo 3 de IRS do contribuinte.

O regime concede, em termos gerais, uma tributação bem mais fa-

vorável sobre certos tipos de rendimento do trabalho obtidos em Portugal, em regra 20% para as consideradas profissões de alto valor acrescentado. Também os rendimentos auferidos de fonte estrangeira beneficiam de um tratamento fiscal mais favorável podendo, em resultado da conjugação da aplicação das normas internas com a CDT aplicável, verificar-se uma isenção de tributação em Portugal do rendimento recebido.

Pelas vantagens que o regime dos RNH apresenta, tem sido recorrente a manifestação de interesse na adesão ao regime de muitos estrangeiros interessados em residir em Portugal, país que oferece, para além do mais, a não tributação na sucessão por morte ou doações a cônjuges, descendentes ou ascendentes, abertura ao investimento externo e também um agradável clima mediterrânico num dos países mais seguros do Mundo (3º lugar no *Global Peace Index* 2020).



Rogério M. Fernandes Ferreira
Rogério Fernandes Ferreira & Associados

| FISCAL

Principal fonte de receita de Portugal

Independentemente, do local onde vivemos, seja dentro ou fora da Europa, quando fazemos compras em Portugal, contribuímos para o financiamento do Estado através de um imposto que muitas vezes passa despercebido, o IVA – Imposto sobre o Valor Acrescentado.

A verdade é que quer sejamos residentes ou não residentes no país, todos pagamos.

Este imposto segue regras nacionais e comunitárias. De forma geral, o IVA paga-se no país onde a compra é feita e o seu pagamento é único. Os particulares que levem os bens comprados, por exemplo em Portugal, para outro país europeu, não voltarão a pagar mais nenhum IVA ou taxa alfandegária.

Isto já não é assim para as entidades que adquirem esses bens para revenda.

Para os portugueses, que não residam num país comunitário, podem obter o reembolso do IVA dos bens que adquirem em Portugal ou em qualquer outro país comunitário, durante a sua estadia, se os apresentarem na alfân-



dega no momento da partida, caso tenham feito a compra há menos de três meses e possuam os documentos necessários para solicitar o reembolso. Por norma, estes documentos são emitidos pelo vendedor.

Existem atualmente empresas que se dispõem a gerir e a facilitar esse processo de reembolso, em troca de uma comissão.

As aquisições nas “Duty Free” são vantajosas pois os artigos não incluem IVA, não sendo necessário o passo burocrático de pedir o reembolso de IVA.

Os portugueses, que não residem em Portugal ou num outro país comunitário, podem adquirir as quantidades

que quiserem sem limites de valor, mas é necessário ter em atenção que o país de destino poderá impor limites para a entrada desses bens. Se ultrapassarem esses limites ficarão sujeitos a taxas aduaneiras.

Hoje em dia a aquisição pela internet assume-se, cada vez mais, como sendo o modo de preferência crescente nos consumidores.

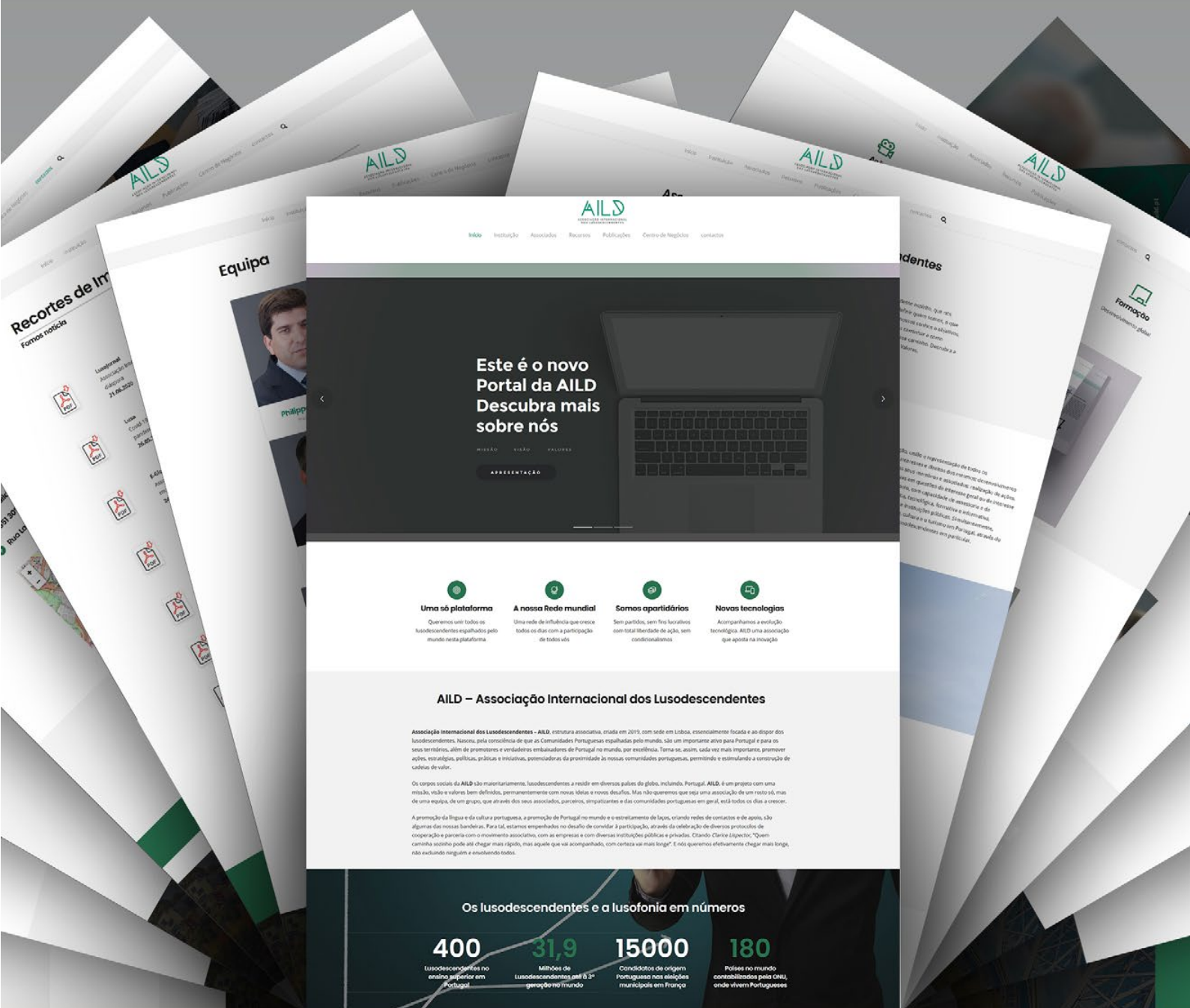
Neste caso, as regras do IVA são bastante diferentes e existem várias particularidades. De forma genérica, na UE, às compras de bens pela internet é aplicado o IVA do país de destino dos bens.

A compra de bens em segunda mão, objetos de arte e de coleção e antiguidades não seguem as regras normais de IVA na aquisição de bens. Na maioria destes casos não há IVA ou ter-se-á que ter em atenção a regras de IVA mais específicas. Recomendo, portanto, comprem bem tendo em atenção as regras fiscais e aduaneiras.

Se tiver dúvidas, não hesite em falar com um contabilista certificado pelo sim pelo não.



Philippe Fernandes
CEO Cisterdata



A plataforma que une
 todos os lusodescendentes
 AILD.PT

Ei![®]
Assessoria
Migratória

WWW.EIMIGRANTE.PT

OFEREÇA UM MELHOR FUTURO À SUA FAMÍLIA EM PORTUGAL

+351 217 960 436

GERAL@EIMIGRANTE.PT

@EIMIGRANTE



AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 35 2ªA 1050-118 LISBOA
RUA FELICIANO DE CASTILHO, 66 4000-293 PORTO